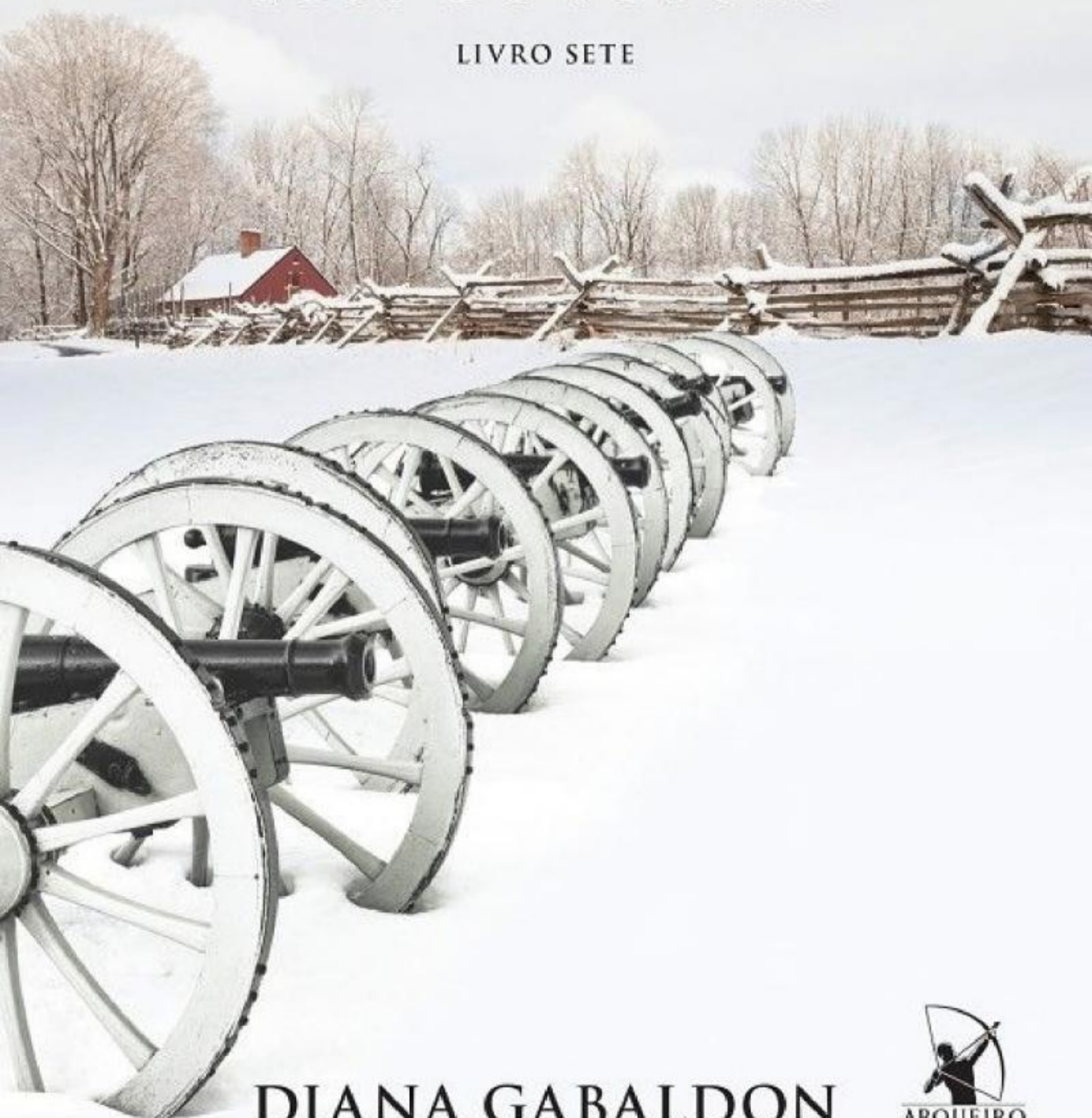


E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

ECOS DO FUTURO

LIVRO SETE



DIANA GABALDON



Título original: *An Echo in the Bone*

Copyright © 2009 por Diana Gabaldon

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Geni Hirata

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa

diagramação: Valéria Teixeira

capa: DuatDesign

imagens de capa: © Olivier Le Qneinec/ Shutterstock (canhões);
© Nine Ok/ Photodisc/ Getty Images (paisagem)

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso eletrônico]: ecos do futuro/ Diana Gabaldon; tradução de Geni Hirata.
São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital (Outlander; 7)

Tradução de: An echo in the bone

Sequência de: Outlander: um sopro de neve e cinzas

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-965-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II. Título. III. Série.

19-56091

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

A todos os meus queridos cachorros:

PENNY LOUISE

TIPPER JOHN

JOHN

FLIP

ARCHIE E ED

TIPPY

SPOTS

EMILY

AJAX

MOLLY

GUS

HOMER E JJ

Sumário

Prólogo

PARTE I – Águas turbulentas

1. Às vezes eles estão realmente mortos
2. E às vezes não estão
3. Vida por vida
4. Ainda não, por enquanto
5. Moralidade para viajantes do tempo

PARTE II – Sangue, suor e pickles

6. Long Island
7. Um futuro incerto
8. Degelo de primavera
9. Uma faca que conhece minha mão
10. Brulote
11. Posição transversa
12. Suficiente
13. Inquietação
14. Questões delicadas
15. Black Chamber
16. Conflito desarmado
17. Diabinhos
18. Arrancando dentes

19. Um beijo afetuoso
20. Lamento...
21. O gato do ministro
22. Borboleta

PARTE III – Corsário de guerra

23. Correspondência do front
24. Joyeux Noël
25. O âmago das profundezas
26. Cervo acuado
27. Os tigres dos túneis
28. Topos de colina
29. Conversa com um diretor de escola
30. Navios que passam à noite
31. Uma visita guiada pelas câmaras do coração

PARTE IV – Conjunção

32. Uma leve suspeita
33. A trama se complica
34. Salmos, 30
35. Ticonderoga
36. O Great Dismal
37. Purgatório
38. Lucidez
39. Uma questão de consciência
40. A bênção de Santa Brígida e São Miguel Arcanjo
41. Abrigo contra a tormenta

PARTE V – Rumo ao precipício

42. Encruzilhada
43. Contagem regressiva
44. Amigos
45. Três flechas
46. Linhas de Ley
47. Sempre no alto
48. Henry
49. Reservas
50. Êxodo
51. Os ingleses estão chegando
52. Conflagração
53. Monte independence
54. O retorno dos nativos
55. Retirada
56. Enquanto ainda vivos
57. O jogo do desertor
58. Dia da independência
59. Batalha de Bennington
60. O jogo do desertor II
61. Não há amigo melhor do que o rifle
62. Um único homem justo
63. Separado para sempre de amigos e parentes
64. Um visitante cavalheiro
65. O truque do chapéu
66. Leito de morte
67. Mais gorduroso do que a gordura

- 68. Caos
- 69. Termos de capitulação
- 70. Santuário

PARTE VI – De volta para casa

- 71. Um estado de conflito
- 72. O dia de todos os santos
- 73. Um cordeiro retorna ao rebanho
- 74. Enxergando bem
- 75. Sic transit gloria mundi
- 76. Vento fúnebre
- 77. Mêmores
- 78. Dúvidas antigas
- 79. A caverna
- 80. Oenomania
- 81. Purgatório II
- 82. Arranjos
- 83. Contando carneiros
- 84. Do lado direito

PARTE VII – Ecos do passado

- 85. Filho de uma bruxa
- 86. Valley forge
- 87. Separação e reencontro
- 88. Um pouco confuso
- 89. Sujo de tinta
- 90. Armados de diamante e aço
- 91. Passos

92. Dia da independência II
93. Uma série de choques curtos e violentos
94. Os caminhos da morte
95. Torpor
96. Vaga-lume
97. Nexus
98. Mischianza
99. Uma borboleta no pátio de um açougueiro
100. Uma dama à espera
101. Redivivus
102. Entranhado nos ossos
103. A hora do lobo

Notas da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça a Coleção Outlander

Informações sobre a Arqueiro

PRÓLOGO

O corpo é extremamente maleável. O espírito, mais ainda. Mas há alguns estados dos quais você não consegue se recuperar. Não é mesmo, *a nighean*? De fato, o corpo pode ser facilmente mutilado, e o espírito, incapacitado. No entanto, há algo no ser humano que nunca pode ser destruído.

PARTE I

Águas turbulentas

Copyrighted image

ÀS VEZES ELES ESTÃO REALMENTE MORTOS

Wilmington, colônia da Carolina do Norte

Julho de 1776

A cabeça do pirata havia submergido. William ouviu a conversa de um grupo de vagabundos em um cais próximo, especulando se ela seria vista outra vez.

– Não, ele se foi para sempre – disse um mestiço maltrapilho, balançando a cabeça. – Se os jacarés não o levarem, a água fará o serviço.

Um caipira revirou o fumo na boca e cuspiu na água, discordando:

– Não, ele dura mais um dia... talvez dois. Sabe as cartilagens que seguram a cabeça? Elas secam ao sol e ficam duras como ferro. Já vi isso muitas vezes em carcaças de veados.

William viu a sra. MacKenzie lançar um olhar rápido ao porto e, logo em seguida, virar o rosto. *Ela está um pouco pálida*, pensou, tentando bloquear a visão dela dos homens e das águas turvas, apesar de o corpo amarrado à estaca estar naturalmente escondido pela maré alta. A estaca, entretanto, era visível – uma dura lembrança do preço do crime. O pirata fora amarrado ali havia vários dias, para que se afogasse nos baixios. A persistência de seu corpo em decomposição era assunto corrente nas conversas do povo.

– Jem! – chamou o sr. MacKenzie, ríspido, e passou energicamente por William, em direção ao filho.

O menino, ruivo como a mãe, se afastara para ouvir a conversa dos homens e agora se debruçava perigosamente sobre a água,

agarrando-se a um poste de amarração na tentativa de ver o pirata morto.

O sr. MacKenzie segurou o garoto pela gola, puxou-o e o levantou nos braços, apesar de o menino se debater, esticando o pescoço na direção do porto alagadiço.

– Quero ver o jacaré comer o pirata, papai!

Os vagabundos riram e até MacKenzie abriu um leve sorriso. Mas o sorriso desapareceu assim que viu sua mulher. Num instante, já estava a seu lado, a mão sob seu cotovelo.

– Acho que devemos ir – disse MacKenzie, ajeitando o peso do filho no colo a fim de apoiar melhor sua mulher, cuja aflição era evidente. – O tenente Ransom, quero dizer, lorde Ellesmere – corrigiu-se, com um sorriso de desculpas para William – sem dúvida tem outros compromissos.

Era verdade. William havia prometido jantar com o pai. Ainda assim, seu pai combinara encontrá-lo na taverna em frente ao cais; não havia como se desencontrarem. William explicou isso e insistiu para que ficassem, pois apreciava a companhia deles – particularmente da sra. MacKenzie –, mas ela sorriu com pesar, embora aparentasse estar melhor, e afagou a cabecinha entoucada do bebê em seus braços.

– Não, nós precisamos ir. – Ela olhou de relance para o filho, ainda se debatendo para descer do colo do pai, e William viu seus olhos relancearem rapidamente na direção do porto e da estaca inflexível que se erguia acima da água. Resoluta, desviou o rosto. – O bebê está acordando; deve estar com fome. Mas foi um prazer encontrá-lo. Gostaria que pudéssemos conversar por mais tempo – disse com sinceridade e tocou levemente no braço dele, causando-lhe uma agradável sensação na boca do estômago.

Os vagabundos agora faziam apostas sobre o reaparecimento do pirata afogado, apesar de nenhum deles parecer ter um tostão furado no bolso.

– Dois para um como ele ainda estará lá quando a maré baixar.

– Cinco para um que o corpo ainda estará lá, mas a cabeça terá ido. Não quero saber do que você disse sobre cartilagens, Lem, que a cabeça dele estaria pendurada por um fio quando a maré baixasse. A próxima vai arrancá-la, você vai ver.

Esperando abafar a conversa, William iniciou uma elaborada despedida, chegando até a beijar a mão da sra. MacKenzie com seus modos mais corteses – e, tomado de inspiração, beijou a mãozinha do bebê também, fazendo todos rirem. O sr. MacKenzie, por sua vez, lançou-lhe um olhar de estranheza, mas não pareceu se ofender. Apertou a mão de William de maneira bastante republicana e levou adiante a brincadeira, colocando seu filho no chão e fazendo o menino apertar sua mão também.

– Você já matou alguém? – perguntou o menino com interesse, olhando para a espada embainhada de William.

– Não, ainda não – respondeu William, sorrindo.

– Meu avô matou duas dúzias de homens!

– Jemmy! – exclamaram os pais simultaneamente, e o menino deu de ombros.

– Matou, *sim!*

– Tenho certeza de que seu avô é um homem forte e corajoso. – William lhe assegurou com ar muito sério. – O rei precisa de homens assim.

– Meu avô diz que o rei pode ir tomar naquele lugar – retrucou o garoto inocentemente.

– JEMMY!

O sr. MacKenzie tapou a boca do filho.

– Você *sabe* que seu avô não falou nada disso! – disse a sra. MacKenzie.

O menino aquiesceu e o pai recolheu a mão.

– Não. Mas vovó, *sim.*

– Bem, isso é mais provável – murmurou o sr. MacKenzie, obviamente se esforçando para não rir. – Ainda assim, não diga isso para soldados. Eles trabalham para o rei.

– A maré está baixando agora? – indagou o menino, mudando de assunto e esticando o pescoço na direção do porto.

– Não – respondeu o sr. MacKenzie com firmeza. – Só daqui a muitas horas. Você já estará na cama.

A sra. MacKenzie sorriu para William, desculpando-se, as faces encantadoramente ruborizadas de constrangimento, e a família partiu às pressas, deixando William entre o riso e o assombro.

– Ei, Ramson!

Virou-se ao ouvir seu nome, deparando-se com Harry Dobson e Colin Osborn, dois subtenentes de seu regimento, evidentemente de folga e ansiosos para experimentar os prazeres de Wilmington, se assim podiam ser chamados.

– Quem são? – Dobson acompanhou com os olhos o grupo que se afastava, interessado.

– Sr. e sra. MacKenzie. Amigos de meu pai.

– Ah, ela é casada, então? – comentou Dobson, ainda observando a mulher. – Bem, imagino que isso torne as coisas um pouco mais difíceis. Mas o que é a vida sem um desafio?

– Desafio? – William lançou um olhar zombeteiro ao seu diminuto amigo. – O marido dela tem quase três vezes o seu tamanho, caso não tenha notado.

Osborn riu, ruborizando.

– A mulher tem o *dobro* do tamanho dele! Ela iria esmagá-lo, Dobby.

– E o que o faz pensar que eu pretendia ficar por baixo? – indagou Dobson com dignidade.

Osborn vaiou o colega.

– Por que essa obsessão por mulheres grandes? – perguntou William. Olhou para a pequena família, agora quase fora do alcance da vista no final da rua. – Aquela mulher é quase tão alta quanto eu!

– Ah, está tripudiando, hein?

Osborn – que tinha mais estatura que o 1,50 metro de Dobson, mas era uns 30 centímetros mais baixo que William – fingiu mirar

um chute no joelho do amigo mais alto. William se esquivou e deu um sopapo em Osborn, que se abaixou e o empurrou contra Dobson.

– Cavalheiros!

O tom de voz ameaçador do sargento Cutter, com seu sotaque popular londrino, os fez parar abruptamente. Podiam ter patente superior ao sargento, mas nenhum deles teria a petulância de ressaltar isso. O batalhão inteiro temia o sargento Cutter, que era bem mais velho e tinha mais ou menos a altura de Dobson, mas continha em seu pequeno corpo a fúria de um grande vulcão em erupção.

– Sargento! – O tenente William Ransom, conde de Ellesmere e oficial de mais alta patente do grupo, empertigou-se, o queixo pressionado contra o lenço do pescoço.

Osborn e Dobson apressadamente o imitaram, as pernas tremendo.

Cutter andou de um lado para outro na frente deles, como um leopardo espreitando a presa. Quase se podia ver a cauda açoitando e o animal lambendo os beiços de expectativa, William pensou. Esperar o ataque era quase pior do que levar uma mordida no traseiro.

– E onde estão suas tropas – vociferou Cutter –, *senhores?*

Osborn e Dobson imediatamente começaram a gaguejar explicações, mas o tenente Ransom – ao menos dessa vez – era inocente.

– Meus homens estão guardando o Palácio do Governador, sob as ordens do tenente Colson. Eu recebi licença para me ausentar, sargento, para jantar com meu pai – respondeu William respeitosamente. – De sir Peter.

Sir Peter Packer era um nome capaz de exercer um poder mágico. Cutter se abrandou no meio do ataque. No entanto, para surpresa de William, não fora o nome de sir Peter que produzira tal reação.

– Seu pai? – perguntou Cutter, estreitando os olhos. – É lorde John Grey, não é?

– Hã... sim – respondeu William com cautela. – O senhor... o conhece?

Antes que Cutter pudesse responder, a porta de uma taverna próxima se abriu e o pai de William surgiu. William sorriu, encantado com a oportuna aparição, mas rapidamente fechou a cara quando o olhar perfurante do sargento se fixou nele.

– Não fique rindo para *mim* como um macaco abobalhado – começou o sargento em tom ameaçador, mas foi interrompido pelo tapinha familiar de lorde John em seu ombro. Um gesto que nenhum dos três jovens tenentes teria ousado ainda que lhes fosse oferecido muito dinheiro.

– Cutter! – exclamou lorde John, sorrindo calorosamente. – Ouvi sua voz e pensei: “Ora, vejam se não é o sargento Aloysius Cutter! Não pode haver outro homem no mundo que pareça tanto com um buldogue que engoliu um gato e viveu para contar.”

– *Aloysius?* – enunciou Dobson silenciosamente para William, mas este apenas soltou um breve grunhido em resposta, impossibilitado de dar de ombros, uma vez que seu pai agora voltara sua atenção para ele.

– William – disse lorde John, com um aceno cordial da cabeça. – Você é muito pontual. Desculpe-me por estar tão atrasado. Fui retido.

No entanto, antes que William pudesse retrucar qualquer coisa ou apresentar os outros, o pai iniciara uma extensa série de reminiscências com o sargento Cutter, lembrando os velhos tempos nas planícies de Abraham com o general Wolfe.

Isso permitiu que os três jovens oficiais relaxassem um pouco, o que, no caso de Dobson, significava um retorno à sua linha de pensamento anterior.

– Você disse que aquela boneca de cabelos ruivos era amiga de seu pai? – sussurrou para William. – Descubra com ele onde ela está hospedada.

– Idiota – sibilou Osborn. – Ela nem é bonita! Tem o nariz reto e

comprido como... como... o de Willie!

– Não cheguei a ver seu rosto – disse Dobson, sorrindo afetadamente. – Já seus peitos estavam exatamente na altura dos meus olhos, e *esses*...

– Imbecil!

– Shh! – Osborn pisou no pé de Dobson para fazê-lo se calar quando lorde John se voltou novamente para os rapazes.

– Não vai me apresentar seus amigos, William? – perguntou.

Um pouco ruborizado – tinha razões para achar que o pai possuía uma audição aguçada, apesar de suas experiências na artilharia –, William os apresentou. Osborn e Dobson se inclinaram, com admiração e reverência. Eles até então não sabiam quem seu pai era e William se sentiu imediatamente orgulhoso ao vê-los impressionados e ligeiramente consternados por terem descoberto a sua identidade. Todo o batalhão já estaria sabendo antes do jantar do dia seguinte. Não que sir Peter não soubesse, é claro, mas...

William interrompeu suas divagações ao ver que o pai se despedia por ambos e retribuiu a continência do sargento, apressadamente mas de maneira correta, antes de seguir o pai e abandonar Dobby e Osborn à própria sorte.

– Eu o vi conversando com o sr. e a sra. MacKenzie – comentou lorde John. – Eles estão bem? – Lançou um olhar pelo cais, mas os MacKenzies já haviam desaparecido de vista.

– Parece que sim – respondeu William.

Ele *não* iria perguntar onde os MacKenzies estavam hospedados, mas a impressão que a jovem mulher lhe causara persistia. Não sabia dizer se ela era bonita ou não. Seus olhos, entretanto, o haviam cativado: de um lindo tom azul-escuro, com longas pestanas castanho-avermelhadas, fixaram-se nele com uma intensidade lisonjeira que enterneceu o fundo de seu coração. Grotescamente alta, é claro, mas... O que ele estava pensando? A mulher era casada, e com filhos! E, ainda por cima, era ruiva.

– Você... os conhece há muito tempo? – perguntou William ao

pai, pensando nos surpreendentes sentimentos políticos avessos que evidentemente prosperavam na família.

– Há bastante tempo. Ela é filha de um dos meus amigos mais antigos, sr. James Fraser. Lembra-se dele?

William franziu a testa, sem conseguir situar o nome. Seu pai tinha milhares de amigos, como ele poderia...?

– Ah! – exclamou. – É um inglês? Não foi um sr. Fraser que nós visitamos nas montanhas, naquela ocasião em que o senhor adoeceu com... com sarampo?

Sentiu um aperto no fundo do estômago, lembrando-se do absoluto terror daquela época. Ele tinha atravessado as montanhas aturdido e infeliz; sua mãe havia morrido apenas um mês antes. Então lorde John pegara sarampo e William tivera certeza de que seu pai iria morrer também, deixando-o sozinho naquela região inóspita. Não havia espaço em sua mente para nada além de medo e pesar, e ele guardara apenas um amontoado confuso de impressões da visita. Tinha uma vaga recordação de que o sr. Fraser o levara para pescar e fora muito gentil com ele.

– Sim – respondeu o pai, com um sorriso enviesado. – Estou enternecido, Willie. Imaginava que você se recordasse daquela visita mais por causa de suas desventuras do que pelas minhas.

– Des... – A lembrança o inundou no mesmo instante, seguida por uma onda de calor mais quente que o ar úmido de verão. – Muito obrigado! Eu havia conseguido expurgar isso da minha memória até você mencionar!

Seu pai ria, sem fazer nenhuma tentativa de esconder o fato. Na realidade, ele gargalhava.

– Desculpe-me, William – disse, arquejando e enxugando os olhos com a ponta de seu lenço. – Não consigo me conter. Foi a mais... a mais... ah, meu Deus, nunca vou me esquecer da sua cara quando o retiramos daquela latrina!

– Você *sabe* que foi um acidente – falou William em voz baixa.

Suas faces ardiam com a mortificante recordação. Ao menos a

filha de Fraser não estava presente para testemunhar sua humilhação na época.

– Sim, claro. Mas... – Seu pai pressionou o lenço contra a boca, os ombros se sacudindo levemente.

– Fique à vontade para interromper o cacarejo a qualquer momento que quiser – disse William friamente. – Aonde estamos indo, aliás?

Haviam alcançado o fim do cais. Ainda resfolegando como uma orca, o pai os conduzia a uma das ruas tranquilas, arborizadas, longe das tavernas e das hospedarias próximas ao porto.

– Vamos jantar com o capitão Richardson – disse o pai, controlando-se com visível esforço. Ele tossiu, assoou o nariz e guardou o lenço. – Na casa do sr. Bell.

A casa do sr. Bell era caiada, bonita e próspera, sem ser pomposa. O capitão Richardson dava o mesmo tipo de impressão: de meia-idade, bem-arrumado e com roupas de corte impecável, mas sem nenhum estilo notável e com um rosto que não se poderia distinguir em uma multidão dois minutos depois de visto.

As duas senhoritas Bell causavam uma impressão bem maior, particularmente a mais jovem, Miriam, cujos cachos cor de mel espreitavam para fora da touca. Seus olhos grandes e redondos permaneceram fixos em William durante todo o jantar.

Miriam estava muito longe para ele poder conversar com ela, mas a linguagem do olhar era suficiente para indicar que o fascínio era mútuo. Se uma oportunidade de comunicação mais pessoal se apresentasse mais tarde... Um sorriso e um recatado abaixar de pestanas, seguidos de um rápido olhar na direção da porta aberta para a varanda lateral, para arejar a sala. Ele retribuiu o sorriso.

– Você acha que sim, William? – perguntou o pai, alto o suficiente para indicar que era a segunda vez que perguntava.

– Ah, sem dúvida. Humm... Acho o quê? – indagou William, já que se tratava de seu pai, e não de um comandante.

Seu pai lhe lançou um olhar que significava que ele teria revirado

os olhos se não estivessem em público, mas respondeu pacientemente:

– O sr. Bell perguntava se sir Peter pretende permanecer bastante tempo em Wilmington.

O sr. Bell, à cabeceira da mesa, inclinou-se educadamente, apesar de William observar que ele meio estreitava os olhos na direção de Miriam. Talvez devesse voltar para uma visita amanhã, pensou, quando o sr. Bell estaria em seu local de trabalho.

– Acredito que permaneceremos aqui por pouco tempo – disse respeitosamente ao sr. Bell. – Entendo que os principais problemas estão no interior da colônia. Assim, sem dúvida, devemos partir sem demora para reprimi-los.

O sr. Bell pareceu satisfeito, mas William percebeu pelo canto do olho o gracioso biquinho de insatisfação que Miriam fez à ideia de sua iminente partida.

– Ótimo, ótimo – comentou Bell jovialmente. – Sem dúvida, centenas de legalistas acorrerão para se juntarem à sua marcha.

– Certamente, senhor – murmurou William, tomando mais uma colherada de sopa.

Duvidava que o sr. Bell estaria entre eles. Pelo visto, não era do tipo que se une à luta. E não que a ajuda de um bando de provincianos sem treinamento, armados com pás, pudesse ser útil. Mas ele certamente não podia argumentar isso.

William, tentando ver Miriam sem encará-la, interceptou o relance de um olhar entre seu pai e o capitão Richardson e, pela primeira vez, começou a se indagar. Seu pai anunciara claramente que iriam jantar com o capitão Richardson, querendo dizer que um encontro com o capitão era o objetivo da noite. Por quê?

Então captou um olhar da srta. Lillian Bell, sentada à sua frente, ao lado de seu pai, e parou de pensar no capitão. De olhos escuros, mais alta e mais esbelta do que a irmã – mas certamente uma jovem muito bonita, ele percebia agora.

Ainda assim, quando a sra. Bell e suas filhas se levantaram e os

homens se retiraram para a varanda após o jantar, William não ficou surpreso de se encontrar em uma das extremidades com o capitão Richardson, enquanto seu pai envolvia o sr. Bell em uma animada discussão sobre os preços do alcatrão na outra ponta. O pai conseguia conversar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto.

– Tenho uma proposta para você, tenente – disse Richardson depois que as cordialidades de costume foram trocadas.

– Sim, senhor – respondeu William respeitosamente.

Sua curiosidade aumentava. Richardson era um capitão da cavalaria ligeira, mas no momento não estava com seu regimento; isso ele havia revelado durante o jantar, dizendo displicentemente que fora destacado para um serviço à parte. Destacado para quê?

– Não sei quanto seu pai lhe falou sobre a minha missão...

– Nada, senhor.

– Ah. Estou no serviço de inteligência, encarregado de reunir informações no Departamento do Sul. Não que eu esteja no comando de tais operações, sabe... – O capitão sorriu com modéstia.

– Apenas de uma pequena parte.

– Reconheço o grande valor de tais operações, senhor – disse William, tentando ser diplomático –, mas eu...

– Não tem nenhum interesse em espionagem. Não, claro que não.

– Estava escuro na varanda, mas a frieza do tom de voz do capitão era evidente. – Poucos homens que se consideram soldados têm.

– Sem ofensa, senhor.

– Não se preocupe. Eu não estou, entretanto, recrutando-o como espião. É uma ocupação delicada e que envolve algum perigo. Em vez disso, gostaria de recrutá-lo como mensageiro. Embora, caso surja a oportunidade de atuar como agente de espionagem ao longo do caminho... Bem, isso seria uma contribuição muito apreciada.

William sentiu o sangue subir a seu rosto com a insinuação de que não seria capaz de lidar com missões delicadas e perigosas, mas controlou a raiva, dizendo apenas:

– Sim?

O capitão, ao que parecia, havia reunido informações importantes referentes às condições locais nas Carolinas e queria enviá-las ao comandante do Departamento do Norte, general Howe, no momento em Halifax.

– Naturalmente, enviarei mais de um mensageiro – disse Richardson. – Sem dúvida, é mais rápido de navio, mas quero ter ao menos um mensageiro viajando por terra, tanto por segurança quanto para coletar observações *en route*. Seu pai enaltece muito suas qualidades, tenente – teria detectado um tom de zombaria naquela voz seca? –, e fui informado de que já viajou extensamente pela Carolina do Norte e pela Virgínia. É um atributo valioso. Há de concordar que não quero ver meu mensageiro desaparecer no Grande Pântano para nunca mais ser visto.

– Rá-rá-rá. Certamente – comentou William com educação, interpretando a preocupação de Richardson como uma pilhéria.

Obviamente, o capitão Richardson nunca estivera perto do Grande Pântano; William havia estado, embora achasse que ninguém em seu juízo perfeito iria naquela direção intencionalmente, a não ser para caçar.

Ele também tinha sérias dúvidas quanto à sugestão de Richardson, embora, ao mesmo tempo que dizia a si mesmo que não deveria considerar deixar seu regimento, já acalentasse uma visão romântica de si mesmo, sozinho na imensidão deserta, levando notícias importantes através de tempestades e perigos.

Ainda mais digno de consideração, entretanto, era o que ele poderia esperar do outro lado da jornada.

Richardson se adiantou à sua pergunta, respondendo-a antes que ele a pronunciasse:

– Uma vez no Norte, você poderia se juntar ao exército do general Howe. Isto é, se lhe convier.

Ora, ora, pensou William. Ali estava o prêmio, e bastante atraente. Sabia que a parte do “se lhe convier” se referia ao general Howe, não a ele. Mas tinha confiança na própria capacidade e achou

que talvez pudesse ser útil.

Estivera na Carolina do Norte apenas por alguns dias, mas fora o suficiente para fazer uma avaliação precisa das chances de progresso entre o Departamento do Norte e o do Sul. Todo o Exército Continental estava com Washington no Norte; a rebelião do Sul consistia em bolsões problemáticos de habitantes do interior e milícias improvisadas. Não chegavam a ser uma ameaça real. E quanto ao status relativo de sir Peter e do general Howe como comandantes...

– Capitão, se possível, gostaria de pensar em sua proposta – sugeri, esperando que sua voz não traísse sua ansiedade. – Posso dar minha resposta amanhã?

– Sem dúvida. Imagino que queira discutir as perspectivas com seu pai.

O capitão, então, deliberadamente mudou de assunto e, em poucos instantes, lorde John e o sr. Bell se reuniram a eles e a conversa passou para assuntos gerais.

William prestava pouca atenção no que diziam. Sua atenção fora atraída pela visão de duas figuras esbeltas e brancas que pairavam como fantasmas em meio aos arbustos nos limites externos do pátio. Duas cabeças em toucas brancas se aproximavam uma da outra, depois se afastavam. De vez em quando, uma delas se virava brevemente para a varanda com o que parecia um ar especulativo.

– “E quanto às suas vestes, eles tiraram a sorte” – murmurou seu pai.

– O quê?

– Nada. – Seu pai sorriu e se virou para o capitão Richardson, que acabara de fazer um comentário sobre o tempo.

Vaga-lumes iluminavam o pátio, perambulando como faíscas verdes em meio às plantas úmidas e exuberantes. Era bom ver vaga-lumes outra vez; sentira falta deles na Inglaterra – e daquela suavidade particular do ar do Sul que fazia o sangue latejar nas pontas de seus dedos. Grilos cricrilavam ao redor e, por um

momento, seu canto pareceu abafar tudo mais, salvo o som de sua pulsação.

– O café está servido, cavalheiros.

A voz suave da escrava dos Bells atravessou a leve agitação de seu sangue e ele entrou com os outros homens, lançando apenas um olhar de relance na direção do pátio. As figuras haviam desaparecido, mas uma sensação de promessa permanecia no ar morno e suave.

Uma hora mais tarde, ele se viu caminhando de volta em direção a seu alojamento, os pensamentos agradavelmente confusos, seu pai em silêncio a seu lado.

A srta. Lillian Bell lhe concedera um beijo entre os vaga-lumes no final da noite, casto e fugaz, mas nos lábios, e o denso ar do verão lembrava café e morangos maduros, a despeito do aroma úmido e penetrante do porto.

– O capitão Richardson me falou da proposta que lhe fez – disse lorde John de maneira descontraída. – Está interessado?

– Não sei – respondeu William, com igual descontração. – Eu sentiria falta dos meus homens, é claro, mas...

A sra. Bell insistira para que ele fosse tomar chá mais para o final da semana.

– Há pouca permanência na vida militar – disse o pai, balançando levemente a cabeça. – Eu avisei.

William concordou com um breve resmungo, sem prestar atenção de fato.

– Uma boa oportunidade para progredir na carreira – afirmou o pai, acrescentando casualmente: – Embora haja algum perigo na proposta.

– O quê? – zombou William ao ouvir isso. – Cavalgar de Wilmington para pegar um navio em Nova York? Há uma estrada por quase todo o caminho!

– E muitos habitantes locais – ressaltou lorde John. – Todo o exército do general Washington está neste lado da Filadélfia, se as notícias que tive estão corretas.

William deu de ombros.

– Richardson disse que me queria porque eu conhecia a região. Posso me orientar muito bem sem estradas.

– Tem certeza? Faz quatro anos que você não vai à Virgínia.

O tom de dúvida de lorde John aborreceu William.

– Acha que não sou capaz de encontrar o caminho?

– De modo algum – respondeu o pai, ainda com o tom de dúvida na voz. – Mas os riscos dessa proposta não são poucos; não gostaria de vê-lo assumir essa missão sem as devidas considerações.

– Bem, já pensei a respeito – comentou William, ofendido. – Vou aceitar.

Lorde John caminhou mais alguns passos em silêncio, depois balançou a cabeça, com relutância.

– A decisão é sua, Willie – retrucou. – Mas eu ficaria muito agradecido se você tomasse cuidado.

O aborrecimento de William se desfez no mesmo instante.

– Claro que tomarei – disse, com a voz embargada.

Continuaram a andar sob o manto escuro de bordos e nogueiras, calados, tão próximos que seus ombros se roçavam de vez em quando. Na estalagem, William desejou uma boa noite a lorde John, mas não retornou ao próprio quarto. Em vez disso, perambulou pelo cais, agitado demais para ir dormir.

A maré virara e estava bem baixa. O cheiro de peixes mortos e algas em decomposição era forte, embora um plácido lençol de água ainda cobrisse os baixios, silenciosos ao luar minguante. Levou um instante para encontrar a estaca. Por um segundo, pensou que ela tivesse desaparecido, mas não. Lá estava, uma linha escura e fina contra o reflexo da água. Vazia.

A estaca já não estava ereta, mas pronunciadamente inclinada, como se estivesse prestes a cair, com um fino laço de corda pendente, flutuando como o laço de força de um carrasco na maré vazante. William sentiu uma inquietação visceral. A maré não teria levado o corpo inteiro. Alguns diziam que havia jacarés ou crocodilos ali,

embora ele nunca tivesse visto um. Olhou para baixo involuntariamente, como se um desses répteis pudesse dar um bote aos seus pés. O ar ainda estava quente, mas um leve calafrio o percorreu.

Tentou se livrar da sensação e se virou na direção de seu alojamento. Ainda teria um ou dois dias antes de iniciar a viagem, e imaginou se deveria ir ver a sra. MacKenzie antes de partir.

Lorde John se demorou um pouco na varanda da estalagem, observando seu filho desaparecer nas sombras das árvores. Tinha algumas inquietações. A questão fora acertada com mais urgência do que gostaria, mas ele confiava na capacidade de William. E, embora o acordo tivesse seus riscos, isso fazia parte da natureza da vida de um soldado. Contudo, algumas situações eram mais arriscadas do que outras.

Hesitou, ouvindo o burburinho do salão do bar no interior da estalagem, mas já tivera companhia suficiente por aquela noite e a ideia de ficar se virando de um lado para outro sob o teto baixo de seu quarto, sufocante com o calor acumulado do dia, o fez decidir caminhar um pouco até que o cansaço físico assegurasse um bom sono.

Não era apenas o calor, refletiu, deixando a varanda e partindo na direção oposta à de William. Ele se conhecia muito bem para saber que mesmo o aparente sucesso de seu plano não iria evitar que ficasse acordado, preocupando-se como um cachorro com o osso, procurando os pontos fracos, buscando formas de melhorá-lo. Afinal, William não iria partir imediatamente; havia algum tempo para refletir, fazer alterações, se necessário.

O general Howe, por exemplo. Teria sido a melhor escolha? Talvez Clinton... mas não. Henry Clinton era um velho rabugento, que não mexia um pé sem ordens em três vias.

Os irmãos Howe – um general, outro almirante – eram reconhecidos pela rispidez. Ambos tinham os modos e o cheiro de

javalis no cio. Mas nenhum dos dois era burro, e Deus sabia que não eram tímidos. Grey considerava William capaz de sobreviver às maneiras rudes e às palavras ríspidas. E um comandante dado a cuspir no chão – Richard Howe certa vez cuspira no próprio Grey, embora sem querer, devido a uma súbita mudança da direção do vento – possivelmente era mais fácil para um jovem subalterno do que as idiossincrasias de alguns militares que Grey conhecia.

Embora os mais peculiares da fraternidade da espada fossem preferíveis aos diplomatas. Perguntou-se distraidamente qual seria o coletivo de diplomatas. Se os escritores formavam a fraternidade da pena e um bando de lobos era denominado alcateia... uma corja de diplomatas, talvez? Irmãos de diplomacia? Não, decidiu. Óbvio demais. Fraternidade do tédio, mais adequado. Embora, às vezes, os que não eram maçantes pudessem ser perigosos.

Sir George Germain era uma exceção: maçante e perigoso.

Perambulou para cima e para baixo das ruas da cidade por algum tempo, na esperança de se cansar antes de voltar para o quarto pequeno e abafado. O céu estava baixo e soturno, com relâmpagos cintilando entre as nuvens, e o ar estava úmido. Ela já devia estar em Albany, não menos úmida e infestada de insetos, porém um pouco mais fresca, e próxima às belas e escuras florestas das Adirondacks. Ainda assim, não se arrependia de sua apressada viagem a Wilmington. Willie fora selecionado; isso era importante. E a irmã de William, Brianna...

Estacou por um instante, os olhos cerrados, revivendo o momento de transcendência e aflição que experimentara naquela tarde vendo os dois juntos no que seria o seu único encontro, para sempre. Ele mal conseguira respirar, os olhos fixos nas duas figuras altas, aqueles rostos bonitos, ousados, tão parecidos – e ambos tão semelhantes ao homem que se postara a seu lado, imóvel, mas, ao contrário de Grey, sorvendo grandes haustos de ar, como se temesse nunca mais conseguir respirar outra vez.

Grey esfregou distraidamente o dedo anular da mão esquerda,

ainda não acostumado com a ausência do anel. Jamie Fraser e ele haviam feito o possível para proteger os que amavam. Apesar da melancolia, sentia-se reconfortado com a ideia de estarem unidos nesse parentesco de responsabilidade.

Será que algum dia voltarei a me encontrar com Brianna Fraser MacKenzie?, perguntou-se. Ela dissera que não e parecera tão triste com o fato quanto ele.

– Que Deus a abençoe, minha filha – murmurou ele enquanto se virava na direção do porto.

Iria sentir muito a falta dela, mas, assim como acontecia em relação a Willie, seu alívio de saber que ela logo estaria longe de Wilmington e fora de perigo sobrepujava sua sensação de perda.

Olhou para a água quando saiu no cais e suspirou aliviado ao ver a estaca vazia. Não compreendera suas razões para fazer o que fizera, mas ele conhecia seu pai – e seu irmão também, aliás – havia muito tempo para se enganar com a teimosa convicção que vira naqueles felinos olhos azuis. Assim, conseguira o pequeno barco que ela pedira e permanecera no ancoradouro com o coração na boca, pronto para criar uma distração, enquanto seu marido remava, levando-a na direção do pirata amarrado à estaca.

Ele já vira muitos homens morrerem, em geral a contragosto, às vezes com resignação. Nunca vira alguém partir com tão apaixonada gratidão no olhar. Grey pouco conhecia Roger MacKenzie, mas suspeitava que se tratava de um homem extraordinário, tendo não só sobrevivido ao casamento com aquela criatura fabulosa e perigosa como gerado dois filhos com ela.

Balançou a cabeça e se dirigiu de volta à estalagem. Poderia esperar mais duas semanas até responder à carta de Germain, que ele tinha furtado do malote diplomático ao ver o nome de William na missiva. Então escreveria que, quando a carta fora recebida, lorde Ellesmere estava em algum lugar da vastidão deserta entre a Carolina do Norte e Nova York e, assim, não pôde ser informado de que ele era chamado de volta à Inglaterra, embora Grey estivesse certo de

que Ellesmere lamentaria profundamente ter perdido a oportunidade de fazer parte da equipe de sir George quando recebesse a notícia, meses depois. Uma pena.

Começou a assoviar “Lillibulero” e acelerou o passo de volta à estalagem, sentindo-se mais animado. Parou no bar e pediu que uma garrafa de vinho fosse levada a seu quarto. Foi informado pela atendente que um “cavalheiro” já subira com uma garrafa.

– E dois copos – acrescentou, sorrindo para ele. – Então, suponho que ele não pretenda beber tudo sozinho.

Grey sentiu algo como uma centopeia correr pela sua espinha.

– Desculpe – falou. – Você disse que há um cavalheiro em meu quarto?

– Sim, senhor – confirmou ela. – Contou que é um velho amigo seu.... Na verdade, ele mencionou seu nome... – Franziu a testa por um instante. Em seguida, seu semblante se desanuviou. – Bou-chau, ou algo assim. Parecia um nome francês. E o cavalheiro também parecia afrancesado. Deseja alguma coisa para comer também, senhor?

– Não, obrigado.

Ele a dispensou com um aceno de mão e subiu as escadas, pensando rapidamente se havia deixado em seu quarto alguma coisa que não deveria. Um francês chamado Bou-chau... *Beauchamp*. O nome atravessou sua mente como um relâmpago. Estacou por um instante no meio da escada, em seguida retomou a subida, mais devagar.

Claro que não... mas quem mais poderia ser? Quando saíra da ativa, há alguns anos, começara a vida diplomática como membro da Black Chamber inglesa, uma obscura organização encarregada de interceptar e decodificar a correspondência diplomática oficial – e mensagens muito menos oficiais que fluíam entre os governos da Europa. Cada um desses governos possuía a própria Black Chamber e não era incomum que os membros conhecessem seus pares. Nunca se conheciam pessoalmente, mas os reconheciam pela assinatura,

pelas iniciais ou pelas observações escritas nas margens.

Beauchamp fora um dos agentes franceses mais ativos. Grey cruzara com ele várias vezes ao longo dos anos, muito embora seus próprios dias na Black Chamber já estivessem no passado. Se ele conhecia Beauchamp de nome, era razoável supor que o sujeito também o conhecesse. Mas eles nunca haviam se encontrado pessoalmente, e para tal encontro ocorrer *ali...*

Tocou o bolso secreto em seu casaco e se tranquilizou com o estalido abafado de papel. Hesitou no topo da escada, mas de nada adiantava ser furtivo; era esperado. Com passos firmes, desceu o corredor e girou a maçaneta de porcelana branca de sua porta, a louça lisa e fria sob seus dedos.

Uma onda de calor o envolveu e ele arfou involuntariamente. Ainda bem, pois isso o impediu de proferir a blasfêmia que saltara aos seus lábios.

O cavalheiro que ocupava a única cadeira do aposento era realmente “afrancesado”: seu traje muito bem cortado, realçado por cascatas de renda branca como neve na garganta e nos punhos, os sapatos com fivelas de prata que combinavam com os cabelos nas têmporas.

– Sr. Beauchamp – disse Grey, fechando lentamente a porta atrás de si. Suas roupas de baixo, úmidas de suor, estavam grudadas na pele. Ele podia sentir a pulsação latejando nas têmporas. – Temo que tenha me surpreendido em desvantagem.

Perseverance Wainwright sorriu muito levemente.

– Prazer em vê-lo, John.

Grey mordeu a língua para evitar dizer qualquer coisa insensata. Depois de muito pensar, optou por uma inofensiva saudação.

– Boa noite – disse, erguendo uma das sobrancelhas com ar de interrogação. – *Monsieur* Beauchamp?

– Ah, sim.

Percy fez menção de se levantar, mas Grey abanou a mão para

que permanecesse sentado e foi pegar um banquinho, esperando que os segundos ganhos lhe permitissem recobrar o autocontrole. Vendo que não adiantaram, procurou ganhar mais um tempo abrindo a janela e ficou ali parado, inspirando o ar úmido e denso, antes de se virar e tomar seu assento.

– Como isso aconteceu? – perguntou, fingindo descontração. – Beauchamp, quero dizer. Ou se trata apenas de um *nom de guerre*?

– Ah, não. – Percy pegou seu lenço de renda e delicadamente enxugou a testa. Grey percebeu que seu cabelo começava a rarear. – Casei-me com uma das irmãs do barão Amandine. O nome da família é Beauchamp e eu o adotei. O relacionamento facilitava a entrada em determinados círculos políticos, dos quais...

Ele deu de ombros graciosamente e fez um gesto delicado que abrangia sua carreira na Black Chamber – e sem dúvida em outros lugares.

– Parabéns pelo casamento – disse Grey, sem se dar ao trabalho de disfarçar a ironia na voz. – Com quem você está dormindo: com o barão ou com a irmã?

Percy pareceu achar graça.

– Ambos, de vez em quando.

– Juntos?

O sorriso se alargou. Seus dentes ainda eram bons, Grey notou, embora um pouco manchados pelo vinho.

– De vez em quando. Embora Cecile, minha mulher, realmente prefira as atenções de sua prima Lucienne e eu prefira as atenções do ajudante do jardineiro. Um homem adorável chamado Emile; me lembra um pouco você... em seus anos de juventude. Esbelto, louro, musculoso e viril.

Para seu espanto, Grey sentiu vontade de rir. Em vez disso, disse secamente:

– Soa extremamente francês. Tenho certeza de que lhe convém. O que deseja?

– É mais uma questão do que *você* deseja, eu acho. – Percy ainda

não havia bebido nada do vinho; pegou a garrafa e serviu a bebida cuidadosamente, o líquido vermelho borbulhando, escuro, contra os copos. – Ou talvez eu deva dizer “o que a Inglaterra deseja”. – Estendeu um copo a Grey, sorrindo. – Pois dificilmente se podem separar os interesses próprios dos interesses do país, não é? Na verdade, confesso que você sempre me pareceu *ser* a Inglaterra, John.

Grey gostaria que ele não usasse seu primeiro nome, mas proibi-lo só iria enfatizar a lembrança da intimidade dos dois – que era, é claro, a intenção de Percy. Resolveu ignorar isso e tomou um pequeno gole do vinho, que era bom. Perguntou-se se ele teria pagado. E, se tivesse, como.

– O que a Inglaterra deseja – repetiu, cético. – E qual é sua impressão do que a Inglaterra quer?

Percy tomou um gole do vinho e o reteve na boca, saboreando-o, antes de finalmente engolir.

– Não é propriamente um segredo, não é, meu caro?

Grey suspirou e olhou fixamente para ele.

– Você viu essa “Declaração de Independência” publicada pelo chamado Congresso Continental? – perguntou Percy, enfiando a mão em uma sacola de couro que pendurara nas costas da cadeira. De lá retirou um maço de papéis dobrados, que entregou a Grey.

Grey não tinha visto o documento em questão, embora certamente tivesse ouvido falar dele. Fora impresso havia apenas duas semanas, na Filadélfia, mas as cópias haviam se espalhado pelas colônias como ervas daninhas carregadas pelo vento. Erguendo uma das sobancelhas para Percy, desdobrou as folhas e passou os olhos rapidamente por elas.

– O rei é um tirano? – perguntou, quase rindo do ultraje de alguns dos sentimentos mais extremos do documento. Dobrou as folhas e as atirou sobre a mesa. – E, se eu sou a Inglaterra, imagino que você seja a personificação da França, para fins desta conversa.

– Represento certos interesses do país – respondeu Percy calmamente. – E do Canadá.

Isso fez soar o alarme. Grey havia lutado no Canadá com Wolfe e tinha plena consciência de que, apesar de terem perdido grande parte de suas possessões na América do Norte, os franceses continuavam ferozmente entrincheirados nas regiões ao norte, de Ohio Valley a Quebec. Perto o bastante para causar problemas agora? Achava que não. Mas não descartaria nada dos franceses nem de Percy.

– A Inglaterra quer um fim rápido desta bobajada, obviamente. – A mão longa e magra de Percy apontou na direção do documento. – O Exército Continental, como o chamam, é uma frágil associação de homens sem experiência e com ideias conflitantes. E se eu lhe fornecesse informações que poderiam ser usadas para afastar um dos principais oficiais de Washington de sua lealdade?

– A pergunta é outra – retrucou Grey, sem fazer nenhum esforço para esconder o ceticismo em sua voz. – De que forma isso beneficiaria a França ou seus interesses, que tomo a liberdade de achar que não são completamente idênticos?

– Vejo que o tempo não abrandou seu cinismo natural, John. Um de seus traços menos atraentes... Não sei se já mencionei isso a você.

Grey arregalou ligeiramente os olhos e Percy suspirou.

– Terras, é isso – respondeu Percy. – O Território Noroeste. Nós o queremos de volta.

Grey soltou uma risada curta.

– Imagino que sim.

O território em questão, uma grande extensão a noroeste do vale do rio Ohio, fora cedido à Grã-Bretanha pela França no fim da guerra entre franceses e índios. A Inglaterra, entretanto, não ocupara as terras e impedira a expansão colonial naquela direção, devido à resistência armada dos nativos e da presente negociação de tratados com eles. Os colonos não estavam satisfeitos com isso. O próprio Grey havia encontrado alguns desses nativos e estava inclinado a achar a posição do governo britânico tanto razoável quanto honrosa.

– Os comerciantes franceses têm extensas ligações com os aborígenes naquela área; vocês não têm nenhuma.

– Os comerciantes de peles de animais sendo alguns dos... interesses... que você representa?

– Não os principais interesses – Percy sorriu abertamente. – Mas alguns.

Grey não se deu ao trabalho de perguntar por que Percy o estava abordando – um diplomata notoriamente aposentado, sem nenhuma influência em particular – com essa questão. Percy conhecia o poder da família e das ligações de Grey da época de seu relacionamento pessoal. “Monsieur Beauchamp” sabia muito mais a respeito de suas atuais conexões pessoais através da rede de informações que alimentava as Black Chambers da Europa. Grey não podia interferir na questão, é claro. Mas estava bem situado para levar a oferta discretamente à atenção daqueles que podiam.

Sentiu cada pelo de seu corpo se eriçar, alerta ao perigo.

– Seria necessário mais do que a sugestão, é claro – disse friamente. – O nome do oficial em questão, por exemplo.

– Não cabe a mim informar. Não agora. Mas quando uma negociação for aberta...

Grey já estava imaginando a quem deveria levar essa proposta. Não a sir George Germain. Ao gabinete de lorde North? Mas isso podia esperar.

– E os *seus* interesses? – perguntou Grey com rispidez. Ele conhecia bem Percy Wainwright para saber que haveria algum aspecto do caso que o beneficiaria.

– Ah, sim. – Percy tomou um pequeno gole do vinho, baixou o copo e olhou calmamente para Grey. – Muito simples, na verdade. Fui encarregado de encontrar um homem. Conhece um cavalheiro escocês chamado James Fraser?

Grey sentiu o fundo de seu copo trincar e cortar sua mão. No entanto, continuou a segurá-lo. Com muito cuidado, tomou um gole do vinho, agradecendo a Deus, primeiro, por nunca ter mencionado o nome de Jamie Fraser a Percy e, segundo, por Fraser ter ido embora de Wilmington naquela tarde.

– Não – respondeu calmamente. – O que você quer com esse sr. Fraser?

Percy deu de ombros e sorriu.

– Só uma ou duas perguntas.

Grey podia sentir o sangue vazando do corte na palma de sua mão. Segurando cuidadosamente os pedaços do copo quebrado, sorveu o resto do vinho. Percy permaneceu em silêncio, bebendo com ele.

– Minhas condolências pelo falecimento de sua esposa – disse Percy brandamente. – Sei que ela...

– Você não sabe nada – retrucou Grey asperamente.

Inclinou-se para a frente e colocou o copo quebrado sobre a mesa; a taça rolou sem direção, a borra do vinho espalhando-se pelo vidro.

– Absolutamente nada. Nem sobre minha mulher, nem sobre mim.

Percy ergueu levemente os ombros. *Como quiser*, o gesto dizia. No entanto, seus olhos – ainda eram bonitos, desgraçado, escuros e meigos – se demoraram sobre Grey com o que parecia um sentimento genuíno.

Grey suspirou. Sem dúvida, *era* genuíno. Percy não era confiável, mas o que ele andara fazendo fora por fraqueza, não por malícia ou mesmo insensibilidade.

– O que você quer? – repetiu.

– Seu filho – começou Percy.

Grey se virou subitamente para ele. Agarrou Percy pelo ombro com tanta força que o sujeito soltou uma pequena arfada e se retesou. Grey se inclinou, olhando tão de perto no rosto de Wainwright/Beauchamp que sentiu o calor do hálito do sujeito em sua face e o cheiro de sua água-de-colônia. Ele estava sujando o casaco de Wainwright de sangue.

– Na última vez que o vi – disse Grey muito calmamente –, estive muito perto de colocar uma bala em sua cabeça. Não me dê motivo

para lamentar meu autocontrole. Fique longe do meu filho, fique longe de mim. E, se quiser um conselho bem-intencionado, volte para a França. Depressa.

Girando nos calcanhares, saiu, fechando a porta com firmeza às suas costas.

Já estava no meio da rua quando percebeu que deixara Percy em seu quarto.

– Para o inferno com ele – murmurou e saiu batendo os pés para pedir ao sargento Cutter uma vaga de alojamento para passar a noite. Pela manhã, iria se certificar de que a família Fraser e William estavam todos a salvo longe de Wilmington.

E ÀS VEZES NÃO ESTÃO

*Lallybroch**Inverness-shire, Escócia**Setembro de 1980*

– *Estamos vivos* – disse Brianna MacKenzie com voz trêmula.

Olhou para Roger, o papel pressionado contra o peito com as duas mãos. Seu rosto estava banhado em lágrimas, mas uma luz gloriosa brilhava nos olhos azuis.

– Vivos!

– Deixe-me ver.

Seu coração batia com tanta força no peito que ele mal conseguia ouvir as próprias palavras. Estendeu a mão e, relutante, ela lhe entregou o papel, agarrando-se a seu braço enquanto ele lia.

A textura do papel era agradavelmente áspera sob os dedos, papel feito à mão com sobras de folhas e flores pressionadas em suas fibras. Amarelado pelo tempo, mas ainda forte e surpreendentemente flexível. A própria Bri o fizera... havia mais de duzentos anos.

Roger percebeu que suas mãos estavam trêmulas, o papel sacudindo tanto que a letra rabiscada era difícil de ser lida, ainda mais com a tinta desbotada.

31 de dezembro de 1776

Querida filha,

Como verá se algum dia receber esta, estamos vivos...

Seus olhos se turvaram e ele os enxugou com as costas da mão, mesmo enquanto dizia a si mesmo que não importava, pois agora Jamie Fraser e Claire certamente estavam mortos. Mas sentiu tal alegria com aquelas palavras na folha que era como se os dois estivessem diante dele, sorrindo.

E eram, de fato, os dois, como ele descobriu. Embora a carta começasse com a caligrafia de Jamie, a segunda página continuava na letra inclinada e bem delineada de Claire:

A mão do seu pai não consegue mais continuar. É uma longa história. Ele cortou lenha o dia inteiro e mal pode desdobrar os dedos, mas insistiu em lhes contar que não fomos (ainda) carbonizados. Não que isso não possa acontecer a qualquer momento; há catorze pessoas comprimidas na velha cabana e estou escrevendo quase sentada dentro da lareira, com a velha vovó MacLeod respirando ruidosamente em seu catre aos meus pés, para que eu possa, caso ela comece a morrer, entornar mais uísque por sua goela.

– Meu Deus, eu posso *ouvi-la* – disse ele, estupefato.

– Eu também. – As lágrimas ainda rolavam pelo rosto de Bri, mas eram de alegria. Ela as enxugou, rindo e fungando. – Leia mais. Por que estão em nossa cabana? O que aconteceu com a casa grande?

Roger correu o dedo pela página para continuar de onde havia parado e retomou a leitura.

– Ah, meu Deus! – exclamou.

Lembra-se daquele idiota, Donner?

Seus braços se arrepiaram diante do nome. Um viajante do tempo, Donner. E um dos indivíduos mais ineptos e irresponsáveis que já conhecera. E, por isso mesmo, perigoso.

Bem, ele se superou ao reunir uma quadrilha de vagabundos de Brownsville para roubar pedras preciosas que ele os convencera que possuíamos. Só que não tínhamos, é claro.

Não tinham porque Brianna, Jemmy, Amanda e ele haviam usado as pedras preciosas restantes como proteção para sua viagem através do tempo.

Eles nos mantiveram reféns e reviraram toda a casa. Os desgraçados quebraram, entre outras coisas, o recipiente de éter no meu consultório. Os gases quase nos intoxicaram...

Leu rapidamente o restante da carta, Brianna espreitando por cima de seu ombro e soltando gritinhos de susto e espanto. Uma vez terminada a leitura, ele largou as folhas e se voltou para ela, o corpo trêmulo.

– Então *você* conseguiu – disse Roger, ciente de que não deveria dizer isso, mas incapaz de se conter, incapaz de não resfolegar com uma risada. – *Você* e seus malditos fósforos. *Você* incendiou a casa!

Seu rosto era uma caricatura, as feições se alternando entre horror, indignação e... sim, uma vontade histérica de rir que se igualava à dele.

– Ah, não! Foi o éter de mamãe. Qualquer tipo de faísca poderia ter provocado a explosão...

– Mas não foi qualquer tipo de faísca – ressaltou Roger. – Seu primo Ian acendeu um de seus fósforos.

– Bem, então foi culpa de Ian!

– Não, foi sua e de sua mãe. Mulheres cientistas... – disse Roger, balançando a cabeça. – O século XVIII teve sorte de sobreviver a vocês duas.

Ela bufou de raiva.

– Bem, nada disso teria acontecido se não fosse o palhaço do Donner!

– É verdade – admitiu Roger. – Mas ele era um encenqueiro do futuro também, não era? Embora não fosse mulher nem muito científico.

– Humm... – Ela pegou a carta, segurando-a delicadamente, mas incapaz de evitar passar os dedos pelas páginas. – Bem, *ele* não sobreviveu ao século XVIII, não é?

Estava cabisbaixa, as pálpebras ainda avermelhadas.

– Você não está com pena dele, está? – perguntou Roger, incrédulo.

Ela balançou a cabeça, mas seus dedos ainda se moviam de leve pela folha grossa e macia.

– Não... *exatamente* dele. É que... a ideia de alguém morrer assim... Sozinho, quero dizer. Tão longe de casa.

Não, não era em Donner que ela estava pensando. Ele passou o braço ao seu redor e encostou a cabeça na dela. Bri cheirava a xampu e repolhos frescos – estivera no canteiro de repolhos. As palavras na carta se desbotavam e tornavam a ficar fortes conforme a pena que as escrevera era molhada no tinteiro. Ainda assim, eram nítidas e precisas.

– Ela não está sozinha – sussurrou ele e, estendendo o dedo, delineou o pós-escrito, novamente na letra de Jamie. – Nenhum dos dois está. E, quer tenham um telhado acima de suas cabeças ou não, ambos estão em casa.

Deixei a carta de lado. Haveria bastante tempo para terminá-la depois. Estivera trabalhando nela conforme o tempo permitia nos últimos dias; não que houvesse pressa em pegar o correio de partida. Sorri ligeiramente diante desse pensamento e dobrei as folhas com cuidado, colocando-as em minha nova sacola de costura, por segurança. Limpei a pena e a guardei. Em seguida, esfreguei meus dedos doloridos, saboreando por um pouco mais de tempo a doce sensação de conexão que sentia ao escrever cartas. Eu podia escrever com muito mais facilidade do que Jamie, mas minha mão tinha seus

limites e o dia havia sido muito longo.

Olhei para o catre do outro lado do fogo, como fazia de poucos em poucos minutos, mas ela ainda estava quieta. Podia ouvi-la respirar, um gorgolejar chiado que vinha a intervalos tão longos que eu podia jurar que ela havia morrido entre um e outro. Contudo, não morreria e, pela minha estimativa, isso não aconteceria ainda por algum tempo. Eu esperava que ela morresse antes que meu suprimento de láudano acabasse.

Não sabia sua idade. Parecia ter uns 100 anos, mas podia ser mais nova do que eu. Seus dois netos adolescentes a trouxeram havia dois dias. Estavam descendo as montanhas, pretendendo levar a avó para a casa de parentes em Cross Creek antes de partirem até Wilmington para se unirem à milícia, mas a avó passara mal e alguém lhes dissera que havia uma curandeira ali perto, nas montanhas. Assim, trouxeram-na para mim.

Vovó MacLeod... Eu não tinha outro nome para ela. Os garotos não me contaram o nome dela antes de partir e ela não estava em condições de fazê-lo. Muito provavelmente estava nos últimos estágios de algum tipo de câncer. Macilenta, o rosto contraído de dor mesmo inconsciente, dava para ver pelo aspecto cinzento de sua pele.

O fogo ardia bem baixo. Eu deveria atiçá-lo e acrescentar mais uma acha de lenha. Mas a cabeça de Jamie descansava em meus joelhos. Será que eu conseguiria alcançar a pilha de lenha sem perturbá-lo? Apoiei a mão de leve em seu ombro para dar equilíbrio e me estiquei, conseguindo apenas tocar a ponta de uma pequena tora. Delicadamente, soltei-a da pilha, os dentes pressionando o lábio inferior, e consegui enfiá-la na lareira, deslocando as brasas acesas e levantando nuvens de fagulhas.

Jamie se remexeu e murmurou algo ininteligível, mas, assim que enfiei a pequena tora no fogo, atiçando-o, e me recostei na cadeira, ele suspirou, ajeitou-se e voltou a dormir.

Olhei para a porta, apurando os ouvidos, mas não escutei nada além do farfalhar das árvores ao vento. Claro que eu *ouviria* alguma

coisa, considerando-se que era o Jovem Ian quem eu estava esperando.

Jamie e ele estavam se revezando em montar guarda, escondendo-se em meio às árvores acima das ruínas carbonizadas da casa grande. Ian estava fora havia mais de duas horas. Já era tempo de ele retornar para comer e se aquecer junto à lareira.

– Alguém tentou matar a porca branca – anunciou durante o café da manhã três dias atrás, achando graça.

– O quê? – Passei-lhe uma tigela de mingau encimada por um bocado de manteiga derretida e um fio de mel. Felizmente, meus pequenos barris de mel e caixas de favos estavam na casinhola de refrigeração na ocasião do incêndio. – Tem certeza?

Ele fez que sim, pegando a tigela e inalando o vapor, inebriado.

– Sim, ela está com um corte no flanco. Não é fundo e está sarando, tia – acrescentou, achando que eu iria considerar o bem-estar médico da porca com o mesmo interesse que teria por qualquer outro morador da Cordilheira.

– É mesmo? Ótimo – respondi, embora não houvesse nada que pudesse fazer se ela não estivesse sarando. Eu costumava tratar de cavalos, vacas, cabras, arminhos e até mesmo de uma ou outra galinha que não punha ovos, mas essa porca em particular estava por conta própria.

Amy Higgins fez o sinal da cruz à menção da porca.

– Provavelmente foi um urso – comentou. – Nada mais ousaria atacá-la. Aidan, preste atenção no que o sr. Ian está dizendo! Não se afaste muito e tome conta do seu irmão lá fora.

– Os ursos dormem no inverno, mamãe – disse Aidan distraidamente.

Sua atenção estava fixa em um novo pião que Bobby, seu novo padrasto, esculpira. Ele o colocou cuidadosamente sobre a mesa, segurou o barbante por um instante tenso e lhe deu um puxão. O pião disparou por cima da mesa, ricocheteou no jarro de mel com um estalido e partiu na direção da jarra de leite a toda velocidade.

Ian estendeu a mão e agarrou o pião na hora certa. Mastigando uma torrada, fez sinal para que Aidan lhe passasse o barbante, enrolou-o de novo e, com um experiente trejeito do pulso, lançou o pião zunindo em linha reta pelo meio da mesa. Aidan observou de boca aberta, depois mergulhou embaixo da mesa quando o pião caiu da outra extremidade.

– Não, não foi um animal – disse Ian, conseguindo finalmente engolir. – Era um corte preciso. Alguém a atacou com uma faca ou uma espada.

Jamie ergueu os olhos da torrada queimada que andara examinando.

– E você encontrou o corpo dele?

Ian exibiu um sorriso, mas balançou a cabeça.

– Não. Se a porca o matou, deve ter comido. Não achei nenhum resto.

– Porcos fazem uma grande sujeira para comer – observou Jamie. Ensaçou uma cautelosa mordida na torrada queimada, fez uma careta, mas comeu mesmo assim.

– Um índio, você acha? – perguntou Bobby.

O pequeno Orrie se debatia para descer do colo de Bobby. Seu novo padrasto obedientemente o colocou no chão, no seu lugar favorito embaixo da mesa.

Jamie e Ian trocaram olhares e senti os pelos da minha nuca se arrepiarem.

– Não – respondeu Ian. – Todos os cherokees das proximidades a conhecem muito bem e não tocariam nela nem com uma vara de 3 metros. Acham que ela é um demônio.

– E índios de passagem vindos do norte teriam flechas e tacapes – concluiu Jamie.

– Tem certeza de que não foi uma pantera? – perguntou Amy, em dúvida. – Elas caçam no inverno, não é?

– É verdade – confirmou Jamie. – Eu vi pegadas lá em cima, perto da Fonte Verde, ontem. Estão me ouvindo aí? Fiquem espertos, hein?

– perguntou, inclinando-se para falar com os garotos embaixo da mesa. – Mas não – acrescentou, endireitando-se. – Acho que Ian conhece a diferença entre marcas de garras de animais e um corte de lâmina.

Abriu um sorriso para Ian, que educadamente se absteve de revirar os olhos e apenas balançou a cabeça, os olhos fixos, em dúvida, na cesta de torradas.

Ninguém sugeriu que qualquer residente da Cordilheira ou de Brownsville estivera caçando a porca branca. Os presbiterianos locais não concordavam com os cherokees em nenhuma questão espiritual, mas havia um consenso entre eles sobre o caráter demoníaco da porca.

Pessoalmente, eu não estava certa se não tinham razão. Aquele monstro havia sobrevivido até mesmo ao incêndio da casa grande sem nenhum arranhão, emergindo de seu esconderijo sob os alicerces entre uma chuva de madeira queimada, seguida de sua última ninhada de porquinhos.

– Moby Dick! – exclamei no presente em voz alta, inspirada.

Rollo ergueu a cabeça com um rugido espantado, fixou os olhos amarelos em mim e a deitou outra vez, suspirando.

– Moby quem? – perguntou Jamie, sonolento. Sentou-se direito, espreguiçando-se, depois passou a mão pelo rosto e pestanejou para mim.

– Estava pensando no que aquela porca me faz lembrar – expliquei. – Uma longa história. Sobre uma baleia. Eu contarei amanhã.

– Se eu viver até lá – falou ele, com um bocejo que quase deslocou seu maxilar. – Onde está o uísque? Ou você precisa dele para a pobre mulher? – Meneou a cabeça, indicando vovó MacLeod enrolada em um cobertor.

– Ainda não. Tome. – Inclinei-me e remexi na cesta sob minha cadeira, tirando dali uma garrafa com rolha de cortiça.

Ele retirou a rolha e bebeu, a cor gradualmente retornando ao

rosto. Entre passar os dias caçando ou rachando lenha e metade das noites espreitando em uma floresta gelada, até mesmo a enorme vitalidade de Jamie começava a dar sinais de enfraquecimento.

– Por quanto tempo você pretende manter esta situação? – perguntei, a voz baixa para não acordar os Higgins.

Bobby, Amy, os dois meninos e as duas cunhadas de Amy de seu primeiro casamento, que vieram para as bodas realizadas havia alguns dias, acompanhadas por um total de cinco crianças com idades abaixo de 10 anos, todos dormindo no pequeno quarto. A partida dos rapazes MacLeods amenizara um pouco o congestionamento na cabana, mas com Jamie, eu, Ian, o cachorro de Ian, Rollo, e a velha mulher dormindo no chão do aposento principal e os poucos bens que havíamos conseguido salvar do incêndio empilhados pelas paredes, às vezes eu sentia um pouco de claustrofobia. Não era de admirar que Jamie e Ian estivessem patrulhando a floresta, tanto para respirar um pouco de ar fresco quanto pela convicção de que havia alguma coisa lá fora.

– Não por muito tempo – assegurou-me, dando de ombros ligeiramente enquanto engolia um longo gole de uísque. – Se não virmos nada esta noite, nós...

Ele parou, a cabeça voltada para a porta. Eu não tinha ouvido nada, mas vi a maçaneta se mexer. Um instante depois, uma rajada de ar gélido inundou o aposento, brincando sob minhas saias e agitando uma chuva de faíscas do fogo.

Prontamente peguei um trapo e apaguei as fagulhas antes que pudessem atear fogo aos cabelos ou às roupas de cama da vovó MacLeod. Enquanto eu controlava o fogo, Jamie colocava a pistola, a sacola de munição e o chifre de pólvora no cinto, conversando em voz baixa com Ian à porta.

Ian, empolgado com alguma coisa, estava com o rosto vermelho devido ao frio. Rollo também estava acordado, fuçando entre as pernas de Ian, balançando o rabo na expectativa de uma aventura glacial.

– É melhor você ficar aqui, *a cù* – disse Ian, esfregando as orelhas com dedos frios. – *Sheas*.

Rollo emitiu um rosnado de decepção e tentou passar por Ian, mas foi habilmente impedido por uma perna. Jamie se virou, vestindo o casaco, inclinou-se e me beijou.

– Tranque a porta, *a nighean* – sussurrou. – Não abra para ninguém, a não ser para mim ou para Ian.

– O que...? – comecei a dizer, mas eles já tinham partido.

A noite estava fria e límpida. Jamie respirou fundo e estremeceu, deixando o frio penetrar em seu corpo, remover o calor da mulher, a fumaça e o cheiro da lareira. Cristais de gelo cintilaram em seus pulmões, penetrando em seu sangue. Ele virou a cabeça de um lado para outro, como um lobo farejando, respirando a noite. Havia pouco vento, que vinha do leste, trazendo o cheiro pungente de cinzas das ruínas da casa grande... e um leve odor que poderia ser de sangue.

Olhou para o sobrinho, chamando-lhe a atenção, e viu Ian assentir, sua silhueta contra a claridade cor de lavanda do céu.

– Há um porco morto logo depois da horta da tia – disse o rapaz em voz baixa.

– Ah, é mesmo? Mas não é a porca branca, é?

Seu coração ficou apertado por um instante diante do pensamento e ele se perguntou se iria lamentar a perda do monstro ou dançar em cima de seus ossos. Mas não. Ian balançou a cabeça, o movimento mais sentido do que visto.

– Não, não aquela besta velhaca. Um porco novo, talvez da ninhada do ano anterior. Alguém o abateu, mas não levou mais do que uma ou duas tiras do quarto traseiro. E uma boa parte do que realmente levaram foi espalhada em pedaços pela trilha.

– O quê? – perguntou Jamie, surpreso.

Ian deu de ombros.

– Sim. Mais uma coisa, tio: o animal foi abatido e esquartejado

com um machado.

Os cristais de gelo em seu sangue se solidificaram com uma rapidez que quase fez seu coração parar.

– Santo Deus! – exclamou, não de choque, mas pela confirmação de algo que ele suspeitava havia muito tempo. – É ele, então.

– Sim. – Ambos já sabiam, mas nenhum deles quis admitir. Sem se consultarem, afastaram-se da cabana, penetrando na floresta.

Jamie respirou fundo e suspirou, o vapor de seu hálito branco na escuridão. Esperara que o sujeito tivesse pegado seu ouro e a mulher e partido da Cordilheira. Nunca passara de uma esperança. Arch Bug era um Grant pelo sangue e o clã Grant era um bando vingativo.

Os Frasers de Glenhelm tinham flagrado Arch Bug em suas terras havia uns cinquenta anos e lhe deram a escolha: perder um olho ou os dois primeiros dedos da mão direita. O sujeito se acostumara com sua mão mutilada, passando do arco e flecha que já não podia manejar para o uso de um machado, que lançava com uma habilidade equivalente à de qualquer mohawk, apesar de sua idade.

O que ele não conseguira aceitar fora a perda da causa Stuart e do ouro jacobita, enviado tarde demais da França. O ouro foi resgatado (ou roubado) por Hector Cameron, que trouxera para a Carolina do Norte um terço dele, que, por sua vez, fora roubado (ou recuperado) da viúva de Cameron por Arch Bug.

Nem Arch Bug se reconciliara com Jamie Fraser.

– Você acha que é uma ameaça? – perguntou Ian.

Eles haviam se afastado da cabana, mas continuaram no meio das árvores, circundando a grande clareira onde antes ficava a casa grande. A chaminé e metade de uma parede ainda estavam de pé, carbonizadas, contra a neve suja.

– Acho que não. Se ele quisesse ameaçar, por que esperaria até agora?

Ainda assim, agradeceu que sua filha e seus netos estivessem a salvo. Havia ameaças piores do que um porco morto e ele achava que Arch Bug não hesitaria em fazê-las.

– Talvez ele tenha ido embora para resolver a questão com a mulher e somente agora tenha voltado – sugeriu Ian.

Era um pensamento sensato. Se havia uma coisa que Arch amava neste mundo era sua mulher, Murdina, sua companheira de mais de cinquenta anos.

– Talvez – disse Jamie.

No entanto... No entanto, ele sentia que alguém o observava desde a partida dos Bugs. Sentiu um silêncio na floresta que não era o silêncio de árvores e rochas.

Jamie não perguntou se Ian procurara o rastro do dono do machado. Se alguém pudesse ser encontrado, Ian o encontraria. Mas não nevava havia mais de uma semana e o que sobrara no solo estava remexido e pisoteado pelos pés de inúmeras pessoas. Olhou para o céu. Neve outra vez, e dentro de pouco tempo.

Subiu em um pequeno afloramento de rocha, tomando cuidado com o gelo. A neve derretia durante o dia, mas a água congelava outra vez à noite, pendurando-se dos beirais da cabana e de cada galho em cintilantes pingentes que enchiam a floresta com a luz azul da aurora, depois gotejavam como ouro e diamantes sob o sol. Agora estavam incolores, tilintando como vidro quando a manga de seu casaco roçava pelos ramos de um arbusto coberto de gelo. Parou, agachando-se no alto da rocha e olhando por toda a extensão da clareira.

Muito bem. A certeza de que Arch Bug estava ali havia disparado uma cadeia de deduções, cuja conclusão agora flutuava na superfície de sua mente.

– Ele só voltaria por duas razões... – disse a Ian. – Para me causar algum mal ou para pegar o restante do ouro.

Jamie dera a Bug um pouco de ouro quando mandou o sujeito e sua mulher embora ao descobrir a traição de Bug. Metade de um lingote francês. Teria permitido que um casal de idosos vivesse o resto de suas vidas com modesto conforto. Mas Arch Bug não era um homem modesto. Um dia fora arrendatário dos Grants e, embora

tivesse escondido seu orgulho por algum tempo, não era da natureza do orgulho se manter escondido.

Ian olhou para ele, interessado.

– Então você acha que ele o escondeu aqui, mas em algum lugar de onde não podia retirá-lo facilmente quando você o mandou embora.

Jamie ergueu um dos ombros, observando a clareira. Com a casa agora destruída, ele podia ver a trilha íngreme que subia por trás dela, na direção do lugar onde antes ficava a horta de sua mulher, protegida atrás de sua cerca à prova de veados. Partes da cerca ainda estavam de pé, negras contra as manchas brancas de neve no solo. Iria fazer uma nova horta para ela um dia, tinha fé em Deus.

– Se seu propósito fosse apenas causar mal, ele já teria agido.

Podia ver o porco abatido dali onde estava, uma forma escura no caminho, sombreada por uma larga poça de sangue.

Afastou da mente um pensamento repentino sobre Malva Christie e se forçou a raciocinar outra vez.

– Sim, ele o escondeu aqui – concluiu, mais confiante agora. – Se já tivesse todo o ouro, teria ido embora há muito tempo. Ele tem esperado, tentando arranjar uma maneira de recuperá-lo. Mas não consegue fazer isso sutilmente, então está tentando outra maneira.

– Sim, mas o quê? Isso... – Ian fez um sinal com a cabeça indicando a figura amorfa no caminho. – Pensei que pudesse ser uma cilada ou algum tipo de armadilha, mas não é. Eu olhei.

– Um chamariz, talvez?

O cheiro de sangue era evidente até mesmo para ele. Seria óbvio para qualquer predador. No mesmo instante em que esse pensamento lhe ocorria, percebeu um movimento perto do porco e colocou a mão no braço de Ian.

Um rápido movimento hesitante, depois uma forma pequena e sinuosa arremeteu para a frente, desaparecendo atrás do corpo do porco.

– Raposa – disseram os dois homens simultaneamente, depois

riram baixinho.

– Há uma pantera na floresta acima da Fonte Verde – comentou Ian, em dúvida. – Vi o rastro ontem. Será que pretende atraí-la com o porco, na esperança de correremos para lidar com ela e ele poder pegar o ouro enquanto estamos ocupados?

Jamie franziu a testa e olhou na direção da cabana. É verdade. Uma pantera atrairia os homens para fora, mas não as mulheres e crianças. E onde ele poderia ter escondido o ouro naquele lugar tão cheio de gente? Seus olhos recaíram sobre a forma longa e curva do forno de Brianna, a certa distância da cabana, sem uso desde sua partida, e uma onda de animação o invadiu. Isso seria... Não. Arch roubara o ouro de Jocasta Cameron, uma barra de cada vez, transportando-a secretamente para a Cordilheira, e iniciara esse roubo muito antes de Brianna partir. Talvez...

Ian se empertigou repentinamente e Jamie virou a cabeça para ver qual era o problema. Não podia ver nada, mas captou o som que Ian ouvira. Um grunhido profundo, rouco, um estalo. Então houve uma distinta agitação entre as toras carbonizadas das ruínas da casa e ele compreendeu.

– Santo Deus! – exclamou, agarrando o braço de Ian com tanta força que o sobrinho soltou um gemido de dor. – Está embaixo da casa grande!

A porca branca emergiu de seu esconderijo embaixo das ruínas, um vulto claro e gigantesco na noite, e ficou parada, girando a cabeça de um lado a outro, farejando o ar. Em seguida, começou a se mover, uma pesada ameaça se avolumando com determinação colina acima.

Jamie teve vontade de rir diante da pura beleza do ardil.

Arch Bug era astuto. Escondera o ouro sob os alicerces da casa grande, escolhendo os momentos em que a porca estava ausente. Ninguém pensaria em invadir os domínios da porca. Ela era a guardiã perfeita, e sem dúvida ele pretendia reaver o tesouro da mesma maneira quando estivesse pronto para partir: cuidadosamente, um lingote de cada vez.

Mas a casa pegou fogo, as toras de madeira desabando sobre as fundações, tornando o ouro inacessível sem muito trabalho e dificuldade, o que sem dúvida atrairia atenção. Somente agora, quando os homens haviam limpado a maior parte dos escombros – e espalhado a fuligem e o carvão por toda a clareira no processo –, é que alguém poderia ter acesso a alguma coisa escondida sob as ruínas sem chamar atenção.

Mas era inverno e a porca branca, embora não hibernasse como um urso, mantinha-se quase o tempo inteiro em seu aconchegante esconderijo. Bem, a não ser quando havia algo para comer.

Ian emitiu uma pequena exclamação de desgosto ao ouvir os ruídos de mastigação e salivação que vinham do caminho.

– Os porcos não têm nenhuma delicadeza de sentimentos – murmurou Jamie. – Se está morto, eles comem.

– Sim, mas provavelmente é um dos seus filhotes!

– Ela às vezes come os próprios rebentos vivos. Duvido que se importe em comê-los mortos.

– Cruzes!

Ele silenciou no mesmo instante, os olhos fixos na mancha escura que um dia fora a melhor casa da região. De fato, uma figura emergiu de trás da casinhola de refrigeração, movendo-se com cautela no caminho escorregadio. A porca, ocupada com o horrendo banquete, ignorou o sujeito, que parecia vestido com uma capa escura e carregava algo com o aspecto de um saco.

Não tranquei a porta imediatamente, mas saí para respirar um pouco de ar fresco por alguns instantes, fechando a porta atrás de mim para que Rollo não escapasse. Em pouco tempo, Jamie e Ian haviam desaparecido no meio das árvores. Apreensiva, olhei ao redor da clareira, para o negro da floresta do outro lado, mas não vi nada de errado. Nada se movia, a noite estava em silêncio; perguntei-me o que Ian poderia ter encontrado. Pegadas estranhas, talvez? Isso explicaria sua urgência. Obviamente estava prestes a nevar.

Não havia lua visível, mas o céu tinha um tom cinza-rosado. O solo, embora pisoteado e com acúmulos de neve aqui e ali, ainda estava recoberto por neve antiga. O resultado era uma claridade estranha, leitosa, em que os objetos pareciam flutuar como se fossem pintados em vidro, indistintos e adimensionais. As ruínas carbonizadas da casa grande se erguiam do outro lado da clareira, não mais do que uma mancha daquela distância, como se um polegar gigante, preto de fuligem, tivesse pressionado aquele lugar. Eu podia sentir a opressão da neve iminente no ar, ouvi-la no sussurro abafado dos pinheiros.

Os rapazes MacLeods haviam atravessado a montanha com a avó. Eles disseram que estava muito difícil atravessar as passagens mais altas. Outra grande tempestade iria provavelmente nos isolar até março ou mesmo abril.

Assim, lembrando de minha paciente, dei uma última olhada ao redor da clareira e coloquei a mão no trinco. Rollo choramingava, arranhando a porta, e eu enfiei o joelho sem nenhuma cerimônia em sua cara enquanto abria a porta.

– Fique onde está, Rollo. Não se preocupe, eles vão voltar logo. – Ele fez um ruído alto, ansioso, no fundo da garganta, e começou a se virar de um lado para outro, fuçando minhas pernas, procurando sair. – *Não* – falei, empurrando-o a fim de trancar a porta.

O trinco se encaixou no lugar com um baque tranquilizador e me virei para o fogo, esfregando as mãos. Rollo ergueu a cabeça e emitiu um uivo baixo e lúgubre que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

– O que foi? – indaguei, alarmada. – Quietos!

O barulho fez uma das crianças no quarto acordar e chorar. Ouvi o farfalhar de cobertas e murmúrios maternais sonolentos. Ajoelhei-me depressa e agarrei o focinho de Rollo antes que ele pudesse uivar outra vez.

– Shhhhh – fiz, e olhei para ver se o barulho perturbara vovó MacLeod.

Ela jazia imóvel, o rosto cor de cera, os olhos cerrados. Esperei, contando os segundos antes que a próxima respiração, apesar de fraca e superficial, levantasse seu peito.

Seis... sete...

– Ah, droga! – exclamei ao perceber.

Benzendo-me rapidamente, arrastei-me até ela de joelhos, mas uma inspeção de perto não me revelou nada que eu já não tivesse visto. Discreta até o último instante, ela aproveitara o momento de distração para morrer sem atrair atenção.

Rollo continuava andando de um lado para outro, não mais uivando, mas inquieto. Coloquei a mão delicadamente sobre o peito dela. Não buscando um diagnóstico ou oferecendo ajuda, não mais. Apenas... um reconhecimento necessário do falecimento de uma mulher cujo primeiro nome eu não sabia.

– Que Deus a tenha, pobrezinha – disse baixinho, e me sentei sobre os calcanhares, tentando pensar no que fazer.

O protocolo adequado das Terras Altas determinava que a porta deveria ser aberta imediatamente após uma morte, para permitir que a alma fosse embora. Esfreguei o nó de um dedo sobre os lábios, em dúvida. A alma poderia ter escapado quando abri a porta para entrar? Provavelmente não.

Seria de imaginar que, em um clima tão inóspito quanto o da Escócia, deveria haver um pouco de condescendência climatológica em tais questões, mas eu sabia que não era o caso. Chuva, neve, granizo, vento... Os escoceses das Terras Altas *sempre* abriam a porta e a deixavam aberta durante horas, ansiosos por liberar a alma que partia e receosos de que o espírito, impedido de sair, se virasse e se instalasse ali para sempre como um fantasma. A maioria dos terrenos era pequena demais para que essa perspectiva pudesse ser tolerada.

O pequeno Orrie estava acordado agora; podia ouvi-lo cantando alegremente para si mesmo, uma canção que consistia no nome do padrasto:

– Baaaaah-by, baaah-by, BAAAH-by...

Ouvi uma risadinha baixa, sonolenta, e o murmúrio de Bobby em resposta:

– Esse é meu homenzinho. Precisa do urinol, *acooshla*?

A *chuisle*, a palavra carinhosa em gaélico que significa “sangue do meu coração”, me fez sorrir, tanto pelo que significava quanto pela estranheza do som no sotaque de Dorset de Bobby. Mas Rollo emitiu um rosnado baixo na garganta, lembrando-me da necessidade de ação.

Os Higgins ficariam muito perturbados se acordassem dentro de poucas horas e descobrissem um cadáver no chão. Seria um presságio muito ruim para o novo casamento e o ano-novo. Ao mesmo tempo, sua presença estava inegavelmente deixando Rollo nervoso e a perspectiva de que ele acordasse todo mundo nos minutos seguintes estava *me* deixando nervosa.

– Certo – disse num sussurro. – Vamos, Rollo.

Havia, como sempre, partes de arreios precisando de remendos em um gancho junto à porta. Com um pedaço de rédea improvisei uma coleira, que passei pelo pescoço de Rollo. Ele ficou mais do que satisfeito em sair, arremetendo para a frente quando abri a porta, mas sua felicidade durou pouco. Amarrei a correia em uma estaca antes de retornar à cabana para pegar o corpo de vovó MacLeod.

Olhei em volta de forma cautelosa antes de me aventurar a sair outra vez, as advertências de Jamie em mente, mas a noite estava tão quieta quanto uma igreja; até mesmo as árvores haviam silenciado.

A pobre mulher não podia pesar mais do que 30 e poucos quilos. Suas clavículas se projetavam através da pele e seus dedos eram frágeis como galhinhos secos. Ainda assim, 32, 33 quilos de peso literalmente morto eram um pouco mais do que eu conseguiria levantar. Fui obrigada a desenrolar o cobertor que a envolvia e usá-lo como um trenó improvisado, no qual a arrastei para fora, murmurando ao mesmo tempo desculpas e preces.

Apesar do frio, eu arfava e estava molhada de suor quando finalmente consegui colocá-la na despensa.

– Bem, ao menos sua alma teve tempo suficiente para ir embora – murmurei, ajoelhando-me para verificar o corpo antes de ajeitá-lo em sua falsa mortalha. – E também não creio que ela iria querer ficar pairando por aí, assombrando uma despensa.

Suas pálpebras não estavam inteiramente fechadas. Havia uma fenda branca à mostra, como se ela tivesse tentado abrir os olhos para uma última espiadela ao mundo ou talvez em busca de um rosto familiar.

– *Benedicite* – murmurei e delicadamente fechei seus olhos, imaginando se algum dia um estranho iria fazer o mesmo por mim.

As chances eram boas. A menos que...

Jamie manifestara sua intenção de retornar à Escócia, recuperar sua gráfica e depois voltar para lutar. *Mas e se não voltássemos?*, disse uma voz covardemente dentro de mim. E se fôssemos para Lallybroch e ficássemos lá?

Enquanto pensava nessa possibilidade – com as promissoras visões de ser envolvida na mortalha pela família, capaz de viver em paz, envelhecer lentamente sem o medo constante de contratempos, fome e violência –, sabia que não funcionaria.

Também não sabia se Thomas Wolfe estava certo sobre não ser possível retornar para casa. Bem, eu não poderia saber. Não tinha uma casa para onde voltar. No entanto, eu conhecia Jamie. Ele era um homem correto, portanto precisava ter um trabalho adequado. Não apenas um trabalho braçal; não apenas para ganhar a vida. Um trabalho de verdade. Eu entendia a diferença.

Apesar de ter certeza de que a família de Jamie o receberia com alegria, apesar de ter dúvidas sobre a natureza da recepção que eu mesma receberia, acreditava que não iriam chamar um padre e mandar me exorcizar. O fato era que Jamie não era mais o senhor de Lallybroch. Ele nunca seria.

– “... e sua casa não o conhecerá mais” – murmurei, limpando as partes íntimas da mulher, surpreendentemente não ressequidas, com um pano úmido.

Talvez ela fosse mais nova do que eu imaginava. Havia dias ela não comia nada; nem mesmo o relaxamento da morte tivera muito efeito, mas qualquer um merecia ir limpo para sua cova.

Parei ante o pensamento. Teríamos condições de enterrá-la? Ou ela apenas iria descansar pacificamente embaixo da geleia de framboesa e das sacas de feijões secos até a primavera?

Ajeitei suas roupas, respirando com a boca aberta, tentando avaliar a temperatura pelo vapor do meu hálito. Essa seria apenas a segunda nevasca importante do inverno e ainda não havíamos tido uma temperatura congelante; isso geralmente acontecia do meio para o fim de janeiro. Se o solo ainda não estivesse congelado, conseguiríamos enterrá-la – desde que os homens estivessem dispostos a retirar a neve.

Rollo se deitara, resignado, enquanto eu fazia o meu trabalho, mas nesse momento ergueu a cabeça, as orelhas em pé.

– O que foi? – perguntei, assustada, e me virei sobre os joelhos para olhar para fora pela porta aberta da despensa. – O que está acontecendo?

– Devemos pegá-lo agora? – sussurrou Ian.

Tinha o arco posicionado no ombro; deixou o braço cair e o arco deslizou silenciosamente para sua mão.

– Não. Deixe-o encontrá-lo primeiro – falou Jamie devagar, tentando decidir o que seria correto fazer com o sujeito.

Não matá-lo. Era bem verdade que ele e sua mulher haviam causado uma série de transtornos com sua traição, mas não quiseram causar mal à sua família. Ao menos, não no começo. Seria Arch Bug realmente um ladrão aos seus olhos? Sem dúvida, a tia Jocasta de Jamie não tinha mais direito ao ouro do que ele próprio.

Suspirou e colocou a mão no cinto, onde estavam sua adaga e a pistola. Ainda assim, não poderia permitir que Bug fosse embora com o ouro nem simplesmente levá-lo dali e deixá-lo livre para causar mais problemas. Quanto ao que fazer com ele, em nome de

Deus, quando o capturasse... Era como ter uma cobra em um saco. Mas nada podia fazer senão capturá-la e mais tarde se preocupar com o que fazer com o saco. Talvez pudessem chegar a um acordo...

A figura alcançara a mancha negra dos alicerces e escalava desajeitadamente as pedras e as toras carbonizadas dos destroços, a capa preta se agitando e inflando quando o vento soprava.

A neve começou a cair repentina e silenciosamente, com flocos grandes e vagarosos que não pareciam cair do céu, mas apenas aparecer, girando, do ar. Roçavam seu rosto e grudavam em suas pestanas; limpou-os e fez sinal para Ian.

– Vá por trás – sussurrou. – Se ele correr, lance uma flecha para fazê-lo parar. E fique bem longe.

– *Você* fique bem longe, tio – retrucou Ian. – Se chegar a uma distância decente para um tiro de pistola, ele racha seu crânio com o machado. E eu não vou explicar *isso* para a tia Claire.

Jamie deu uma risadinha e empurrou Ian com o cotovelo para que ele fosse andando. Carregou e preparou sua pistola, depois saiu para a neve que caía, caminhando em direção às ruínas de sua casa.

Ele já vira Arch abater um peru com seu machado a 6 metros de distância. E era verdade que a maioria das pistolas não era precisa a muito mais do que isso. Mas, afinal, ele não pretendia atirar no sujeito. Sacou a pistola, mantendo-a à mão.

– Arch! – chamou.

A figura estava de costas para ele, inclinada enquanto cavava nas cinzas. Diante de seu chamado, pareceu se retesar, ainda abaixada.

– Arch Bug! Saia daí, homem. Quero falar com você!

Em resposta, a figura se virou e um jato de fogo iluminou a neve que caía. No mesmo instante, a chama queimou a coxa de Jamie e ele cambaleou.

Foi uma surpresa. Não imaginava que Arch Bug soubesse usar uma pistola, e ficou impressionado que ele pudesse mirar tão bem com a mão esquerda. Caiu na neve sobre um dos joelhos, mas, enquanto erguia a própria arma para atirar, percebeu duas coisas: a

figura negra mirava uma segunda pistola para ele, mas não com a mão esquerda. O que significava...

– Santo Deus! Ian!

Mas Ian o vira cair e também vira a segunda pistola. Jamie não ouviu o voo da flecha acima do murmúrio do vento e da neve; ela apareceu como por mágica, fincada nas costas da figura. A pessoa se enrijeceu, depois desmoronou no chão. Enquanto isso, Jamie correu, mancando, a perna direita se dobrando a cada passo.

– Meu Deus, não, meu Deus, não – repetia, mais parecendo a voz de outra pessoa.

Outra voz atravessou a noite, gritando em desespero. Logo Rollo passou por ele a toda velocidade e um rifle espocou do meio das árvores. Ian berrou, em algum lugar próximo, chamando o cachorro, mas Jamie não tinha tempo para olhar. Arrastava-se aos trancos e barrancos pelas pedras enegrecidas, escorregando na fina camada de neve fresca, sua perna fria e quente ao mesmo tempo, mas não importava.

Deus, por favor, não...

Alcançou a figura negra e se atirou de joelhos a seu lado, agarrando-a. Soube imediatamente; soubera no mesmo instante em que percebera que a pistola era empunhada pela mão direita. Arch, sem seus dedos, não poderia disparar uma pistola com a mão direita.

Ele a virou, sentindo o corpo pequeno e pesado agora flácido e difícil de manejar como um cervo recém-abatido. Puxou para trás o capuz da capa e passou a mão, delicadamente, sob o rosto redondo e liso de Murdina Bug. Ela respirou contra sua mão... e ele sentiu a haste da seta. A flecha atravessara seu pescoço. Sua respiração gorgolejava sangue; sua mão também estava molhada e quente.

– Arch? – disse ela arquejando. – Quero Arch.

E morreu.

VIDA POR VIDA

Levei Jamie para a despensa. Estava escuro e frio, mas eu não queria correr o risco de nenhum dos Higgins acordar. Meu Deus, agora não. Todos eles irromperiam de seu santuário como uma revoada de codornas em pânico, e me encolhi à ideia de ter que lidar com eles antes do momento inevitável. Já seria bastante horrível ter que lhes contar o que acontecera à luz do dia; eu não poderia encarar a perspectiva agora.

Por falta de alternativa, Jamie e Ian haviam colocado a sra. Bug na despensa, ao lado da vovó MacLeod, enfiada embaixo da prateleira mais baixa, a capa puxada sobre o rosto. Eu podia ver seus pés se projetando para fora, com as botas gastas e rachadas e meias listradas. Tive uma súbita visão da Bruxa Malvada do Oeste e tapei a boca com a mão antes que algum som histérico pudesse escapar.

Jamie virou a cabeça em minha direção, mas sua mente parecia estar em outro lugar, o rosto pálido e cansado, as rugas profundas à claridade da vela que ele segurava.

– Hein? – perguntou.

– Nada – respondi, com a voz trêmula. – Sen... sente-se.

Pousei o banco e meu estojo médico, peguei a vela e a vasilha de água quente da mão dele e tentei não pensar em nada além da tarefa à minha frente. Não em pés. Não em Arch Bug.

Jamie tinha um cobertor em volta dos ombros, mas suas pernas estavam nuas e eu podia sentir seus pelos se arrepiando conforme minha mão roçava por eles. A barra de sua camisa estava tomada por sangue semisseco; grudava em sua perna, mas ele não emitiu nenhum som quando a soltei e afastei suas pernas.

Ele andara se movendo como um homem em um pesadelo, mas aproximar uma vela de seus testículos o excitou.

– Tome cuidado com essa vela, Sassenach – disse ele, colocando a mão protetoramente sobre sua genitália.

Compreendendo sua preocupação, entreguei-lhe a vela e, com uma breve admoestação para ter cuidado com os pingos de cera quente, retornei a minha inspeção.

O ferimento era feio, mas não grave. Mergulhei um pano na água quente da vasilha e comecei a trabalhar. Sua carne estava gelada e o frio abafava até mesmo os odores pungentes da despensa, mas eu ainda podia sentir seu cheiro, seu almíscar seco familiar, misturado a sangue e suor abundante.

Era um sulco de uns 10 centímetros de comprimento no alto de sua coxa. Mas bastante limpo.

– Um especial de John Wayne – falei, tentando manter um tom descontraído, leve.

Os olhos de Jamie, que estavam fixos na chama da vela, mudaram de foco e se concentraram em mim.

– O quê? – perguntou com voz rouca.

– Nada – respondi. – A bala passou de raspão. Pode mancar um pouco por um ou dois dias, mas o herói sobrevive para lutar.

A bala havia de fato passado entre suas pernas, sulcando a parte interna da coxa, perto dos testículos e da artéria femoral. Mais 2 centímetros para a direita e ele estaria morto. Dois centímetros para cima...

– Você não está ajudando muito, Sassenach – comentou ele, mas o esboço de um sorriso flutuou em seus olhos.

– Não – concordei. – Mas um pouco, talvez?

– Um pouco – respondeu e tocou meu rosto de leve.

Sua mão estava fria e trêmula; cera quente escorria pelos nós dos dedos da outra mão, mas ele não parecia sentir. Tirei a vela de sua mão e a coloquei na prateleira.

Eu podia sentir a tristeza e a autocensura emanando dele em

ondas e lutei para mantê-las a distância. Não poderia ajudá-lo se cedesse à enormidade da situação. Não tinha certeza se poderia ajudá-lo, de qualquer forma, mas iria tentar.

– Ah, meu Deus – falou ele, tão baixo que mal o ouvi. – Por que não o deixei levar o ouro? Que diferença faria? – Bateu o punho cerrado no joelho, silenciosamente. – *Meu Deus*, por que simplesmente não o deixei levá-lo?

– Você não sabia quem era ou o que pretendia fazer – respondi no mesmo tom, colocando a mão em seu ombro. – Foi um acidente.

Seus músculos estavam contraídos, enrijecidos de angústia. Eu também sentia o mesmo, um nó de protesto e negação. *Não, não pode ser verdade, não pode ter acontecido!* Eu lidaria com o inevitável mais tarde.

Ele colocou a mão no rosto, balançando a cabeça devagar de um lado para outro. E não falou nem se moveu enquanto eu terminava a limpeza e o curativo do ferimento.

– Pode fazer alguma coisa por Ian? – perguntou depois que terminei. Retirou a mão do rosto e ergueu os olhos para mim quando me levantei, o semblante abatido de exaustão e dor, mas novamente calmo. – Ele está... – Engoliu em seco e olhou para a porta. – Ele está mal, Sassenach.

Olhei para o uísque que eu trouxera: um quarto de garrafa. Jamie seguiu a direção do meu olhar e balançou a cabeça.

– Não é suficiente.

– Beba-o você, então. – Ele se negou, mas coloquei a garrafa em sua mão e pressionei seus dedos ao redor. – Ordens médicas. – Ele resistiu, fez menção de devolver a garrafa e eu apertei minha mão sobre a sua. – Eu *sei*. Jamie... eu sei. Mas você não pode se entregar. Não agora.

Ergueu os olhos para mim por um instante, depois balançou a cabeça, aceitando o que era necessário aceitar. Meus dedos estavam rígidos, frios da água e do ar gélido, mas ainda mais quentes que os dele. Envolvi sua mão livre com as minhas e a apertei com força.

– Há uma razão para o herói nunca morrer, sabe? – comentei, esboçando um sorriso, embora sentisse meu rosto enrijecido e falso. – Quando o pior acontece, alguém ainda deve decidir o que fazer. Entre em casa agora e se aqueça. – Olhei para a noite lá fora, com seu céu de lavanda e agitada pela neve em torvelinho. – Eu... encontrarei Ian.

Para onde ele teria ido? Não muito longe, não neste tempo. Considerando seu estado de espírito quando Jamie e ele voltaram com o corpo da sra. Bug, *devia* ter ido para a floresta, sem se importar para onde ou com o que pudesse lhe acontecer. Mas o cachorro estava com ele. Independentemente de como se sentisse, não levaria Rollo para uma nevasca violenta.

E uma forte nevasca vinha mesmo se formando. Subi devagar a colina na direção dos barracões externos da fazenda, protegendo a lanterna na dobra da minha capa. Ocorreu-me de repente que... Não! Se Arch Bug se escondera na casinhola de refrigeração ou no barraco de defumação... ele *saberia*? Parei de repente no caminho, deixando a neve espessa se acumular como um véu sobre minha cabeça e os ombros.

Eu estava tão chocada com o que acontecera que não me perguntei se Arch Bug saberia que sua mulher estava morta. Jamie contou que ele chamara Arch para que viesse assim que compreendera. Mas não houve resposta. Talvez Arch tivesse suspeitado de uma armadilha; talvez tivesse fugido ao ver Jamie e Ian, presumindo que eles não causariam nenhum mal a sua mulher.

– Ah, *maldição* – sussurrei, alarmada.

Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Esperava poder ajudar Ian. Passei o braço pelo rosto, pisquei para tirar a neve das pestanas e continuei, devagar, a luz da lanterna engolida no vórtice da neve em redemoinho. Se eu me deparasse com Arch... Meus dedos se fecharam na alça da lanterna. Eu teria que contar para ele, levá-lo de volta à cabana, deixá-lo ver... Ah, meu Deus. Se eu voltasse

com Arch, Jamie e Ian poderiam ocupá-lo por tempo suficiente para eu remover a sra. Bug da despensa e deixá-la mais apresentável? Eu não tivera tempo de retirar a flecha de seu pescoço nem de estender o corpo mais apropriadamente. Enfiei as unhas na palma da mão, tentando me controlar.

– Cristo, não deixe que eu o encontre – falei baixinho. – Por favor, não permita que eu o encontre.

A casinhola de refrigeração, o barraco de defumação e a tulha de milho estavam todos vazios, e ninguém poderia ter se escondido no galinheiro sem que as galinhas fizessem uma grande algazarra; estavam silenciosas, dormindo durante a tempestade de neve. A visão do galinheiro me fez lembrar da sra. Bug: espalhando milho de seu avental, chamando as tolas galinhas com seu cantarolar monótono. Ela dera nome a todas elas. Eu não me importava se estávamos comendo Isobeail ou Alasdair no jantar, mas no momento o fato de que agora ninguém mais seria capaz de distingui-las ou de se alegrar por Elspeth ter chocado dez pintinhos me parecia indescritivelmente desolador.

Finalmente encontrei Ian no estábulo, uma forma escura encolhida na palha junto às patas de Clarence, cujas orelhas se levantaram à minha chegada. Ela zurrou extasiada diante da perspectiva de mais companhia e as cabras baliram histericamente, achando que se tratava de um lobo. Os cavalos, surpresos, remexiam a cabeça de um lado para outro, resfolegando e relinchando. Rollo, aninhado no feno ao lado do dono, deu um latido agudo e breve de contrariedade diante da algazarra.

– Isto aqui está parecendo a Arca de Noé – observei, retirando a neve da minha capa e pendurando a lanterna em um gancho. – Tudo que precisamos é de um casal de elefantes. Pare, Clarence!

Ian voltou o rosto para mim, mas pude ver por seu semblante inexpressivo que ele não prestara atenção no que eu dissera.

Agachei-me ao seu lado e coloquei a mão em seu rosto. Estava frio, áspero, com a barba por fazer.

– Não foi sua culpa – declarei brandamente.

– Eu sei – concordou ele, engolindo em seco. – Mas não vejo como vou poder continuar vivendo. – Ele não estava sendo dramático. Sua voz denotava perplexidade e confusão. Rollo lambeu sua mão e seus dedos mergulharam nos pelos do pescoço do cachorro, como se buscasse apoio. – O que posso fazer, tia? Não há nada, não é? Não posso desfazer o que fiz. No entanto, continuo procurando uma forma de fazer isso. Uma forma de consertar as coisas. Só que... não sei como.

Sentei-me no feno a seu lado e passei um braço pelos seus ombros, pressionando sua cabeça contra mim. Ele cedeu, com relutância, embora eu sentisse pequenos e constantes estremecimentos de exaustão e dor percorrerem seu corpo como um calafrio.

– Eu a amava – disse ele, tão baixo que eu mal podia ouvi-lo. – Era como se fosse minha avó. E eu...

– Ela também amava você – sussurrei. – Ela não o culparia.

Eu continha minhas emoções para poder fazer o que precisava ser feito. Mas... Ian tinha razão. Não havia nada e, por absoluto desamparo, as lágrimas começaram a rolar por meu rosto. Eu não estava chorando. Era simplesmente a dor da perda e do choque que transbordava. Não conseguia contê-la.

Quer ele tenha sentido as lágrimas em sua pele ou apenas as vibrações da minha dor, eu não saberia dizer. Mas Ian também sucumbiu e chorou convulsivamente nos meus braços.

Desejei de todo o coração que ele fosse um menino e que o pranto pudesse lavar sua culpa e deixá-lo limpo, em paz. Mas ele já estava muito além de coisas simples assim. Tudo que eu podia fazer era abraçá-lo, afagar suas costas, com murmúrios apaziguadores. Em seguida, Clarence ofereceu consolo, respirando pesadamente na cabeça de Ian e mordiscando uma mecha de seu cabelo. Ian se afastou com um safanão, dando um tapa no focinho do burro.

– Ei, saia daí!

Engasgou-se, riu, abalado, chorou um pouco mais e, em seguida, limpou o nariz na manga. Permaneceu imóvel por algum tempo, reunindo os pedaços de si mesmo, e eu não interferi.

– Quando matei aquele homem em Edimburgo – disse em voz triste, mas controlada –, tio Jamie me levou ao confessionário e me ensinou a prece que se diz quando se mata alguém. Para encomendar sua alma a Deus. Pode dizê-la comigo, tia?

Eu não pensava na prece das almas há muitos anos e, desajeitada, tropecei pelas palavras. No entanto, Ian a recitou sem hesitação e eu me perguntei quantas vezes ele a havia usado através dos anos.

As palavras da oração pareciam insignificantes e inúteis, engolidas pelos ruídos do farfalhar do feno e da mastigação dos animais, mas senti uma pequena centelha de consolo. Tinha a sensação de que existia algo maior – e devia haver, porque obviamente *eu* não era suficiente para a situação.

Ian permaneceu sentado por algum tempo, imóvel, os olhos cerrados. Finalmente abriu-os para mim, o olhar escuro de compreensão, o rosto muito pálido sob os pelos curtos da barba.

– E depois você vive com isso – concluiu com suavidade.

Passou a mão pelo rosto.

– Mas acho que não conseguirei.

Era a simples afirmação de um fato, e isso me assustou muito. Minhas lágrimas haviam secado, mas parecia que eu olhava para dentro de um buraco negro, infinito – e não conseguia desviar os olhos.

Respirei fundo, tentando encontrar algo a dizer. Em seguida, retirei um lenço do bolso e o entreguei a ele.

– Você está respirando, Ian?

Ele sorriu.

– Sim, acho que sim.

– É tudo que precisa fazer por enquanto. – Levantei-me, limpei o feno da minha saia e estendi a mão para ele. – Venha. Precisamos voltar à cabana antes de ficarmos presos aqui pela neve.

A neve estava mais intensa agora e uma rajada de vento apagou a vela em minha lanterna. Não importava; eu poderia encontrar a cabana de olhos vendados. Ian seguiu à minha frente sem comentários, abrindo caminho pela neve recém-acumulada.

Esperava que a prece o tivesse ajudado um pouco e imaginei se os mohawks tinham um meio melhor de lidar com a morte injusta do que a Igreja Católica.

Então percebi que eu sabia exatamente o que os mohawks fariam nesse caso. Ian também; ele o fizera. Apertei mais a capa ao meu redor, sentindo como se eu tivesse engolido uma grande bola de gelo.

AINDA NÃO, POR ENQUANTO

Após muita discussão, os dois corpos foram carregados com cuidado para fora e estendidos na beirada do alpendre. Simplesmente não havia espaço suficiente para deixá-los em casa e, dadas as circunstâncias...

– Não podemos deixar o velho Arch continuar em dúvida – dissera Jamie, colocando um fim na discussão. – Se o corpo estiver bem à vista, ele pode sair do esconderijo ou não, mas saberá que sua mulher está morta.

– É verdade – disse Bobby Higgins, com um olhar inquieto na direção das árvores. – E o que acha que ele fará?

Jamie ficou parado por um instante, olhando para a floresta.

– Chorar – sussurrou. – E pela manhã veremos o que fazer.

Não era um tipo normal de velório, mas foi conduzido com todo o respeito possível. Amy doou para a sra. Bug um manto, feito depois de seu primeiro casamento e guardado com muito cuidado desde então. Vovó MacLeod foi envolvida no que restou de minha camisa sobressalente e mais dois aventais, rapidamente costurados para dar maior respeitabilidade à mortalha improvisada. Os corpos foram posicionados no alpendre, cada um com um pequeno pires de sal e uma fatia de pão no peito, apesar de não haver nenhum devorador de pecados disponível. Eu havia enchido um pequeno fogareiro de barro de carvão e o colocara perto dos corpos. Também tinha sido decidido que iríamos nos revezar durante a noite para velar as falecidas, já que o alpendre não comportava mais do que duas ou três pessoas.

– *“A lua no peito da neve recém-caída/ Dava o brilho do meio-dia aos objetos embaixo”* – recitei baixinho.